



mas-  
culinidades,  
arte & potên-  
cias periféricas

rafaela cotta

andreza jorge

simonne alves

linda cerdeira

tatiana moura

## Equipe GlobalGRACE Brasil

Marta Fernandez

Tatiana Moura

Andréa Gill

Linda Cerdeira

Rafaela Cotta

Isabela Souza

## Revisão

Cássia da Rosa e Oliveira

## Fotos

Marcia Farias / Imagens do Povo

## Projeto gráfico

Gaby Pereira

## Realização



## Apoio



[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Uniperiferias editora Ltda

Rua Teixeira Ribeiro, 535, Maré, Rio de Janeiro

Nesta publicação constam registros dos trabalhos de artistas que integraram as ações brasileiras do GlobalGRACE: Residência Masculinidades NoBela, Residência Passinho Carioca e ELÃ - Construindo Masculinidades Outras.

## Residência Masculinidades NoBela

Amora Moreira

Jimmy Turner

Tainá Rocha

Tiago Tosh

## Residência Passinho Carioca

Walcir Choque

Daniel Ritmado

Nega Nay

RD Ritmado

May Idd

Ayesca Souza

Thiago De Paula

## ELÃ - Construindo Masculinidades Outras

Abimael Salinas

Ana Bia Novais

Davi Pontes

Loo Stavale

morani

Patfudyda

Paulo Vinicius

Pedro de Moraes Barroso

Rafael Amorim

Rafael Simba

Simonne Silva Alves

Táisa Vitória



*periferias*

## 5

### MASCULINIDADES

- 6. Qual a importância de se discutir o conceito de masculinidades?
- 6. O que é ser homem?
- 7. Masculinidades e Marcadores da diferença
- 9. O “ser homem” provedor
- 11. O “ser homem” cuidador
- 12. Sexualidade
- 14. Transexualidade
- 16. Construindo outras masculinidades: arte, gênero e potências periféricas
- 20. O espetáculo artístico “Na Manha” e a experiência artística vivida como processo educativo, político e de transformação
- 21. A Residência Artística- Uma aposta no encontro entre GlobalGRACE, Mulheres ao Vento e Passinho Carioca
- 26. A dança e a criação: nossos laboratórios artísticos

## 29

### CORPO

- 28. Modos de dançar- Nossos encontros entre corpo, território, cultura, coletividade, espaço e tempo
- 30. Corpo
- 31. Território e Cultura
- 31. Coletividade
- 32. Espaço
- 33. Tempo
- 33. Encontros Laboratório
- 38. Oficinas educativas realizadas na Residência

## 42

### MUDANÇAS NO CAMINHO

- 43. Como se adaptar e seguir?
- 43. Como a pandemia afetou nossa Residência Artística?
- 44. O Espetáculo “Na Manha”, nossas vivências partilhadas
- 44. Estética e Política, Nossos corpos e apostas
- 46. Na Manha: Release
- 46. Dramaturgia das cenas, nossos olhares em detalhe
- 48. Lançando o “Na Manha”, nossa estreia
- 48. Caminhos seguidos, nossa forma de continuar
- 49. Release “Mulheres de Pedra”
- 49. Release “Oboró - Masculinidades Negras”
- 50. Release “Mulheres ao Vento”

## 51

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## 53

### LINKS

## 54

### GLOSSÁRIO

# O PROJETO

## GLOBAL Grace

O projeto GlobalGrace (Global Gender & Cultures of Equality ([www.globalgrace.net](http://www.globalgrace.net)), financiado pelo RCUK's Global Challenge Research Fund (GCRF), ocorreu entre os anos 2018 e 2021, e teve como objetivo identificar e mobilizar intervenções artísticas, curadorias e exposições públicas que permitissem pesquisar e construir abordagens de gênero inclusivas no campo das expressões culturais e artísticas. Liderado por uma equipe de Goldsmiths, Universidade de Londres, o projeto incluiu acadêmicos/as e ONGs de Bangladesh, Brasil, México, Filipinas, África do Sul e Reino Unido.

No Brasil, o projeto resultou de uma parceria entre o Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio) e as ONGs Instituto Promundo, Instituto Maria e João Aleixo e Observatório de Favelas. O trabalho no Brasil se desenvolveu sobre a temática “Descolonizando o conhecimento e refazendo as masculinidades através da arte: culturas de igualdade nas periferias urbanas do Rio de Janeiro”, tendo como foco a interseção entre arte e gênero na produção de masculinidades equitativas e não violentas nas periferias urbanas.



W  
C  
N  
D  
A  
S  
C  
U  
L  
D  
E  
S

## QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE DISCUTIR O CONCEITO DE MASCULINIDADES?

Ao longo das últimas décadas, as relações de gênero têm sido debatidas e desconstruídas, como resultado de de várias contribuições feministas, de extrema importância e relevância, ainda nos tempos atuais. Nos últimos anos, o tema das masculinidades tornou-se um ponto crucial de análise e reflexão, especialmente dentro do campo dos debates feministas. Discutimos muito sobre a violência de gênero, atentando para o feminicídio e para o estupro, para as situações de risco a que muitas mulheres estão sujeitas, na sociedade, analisando como as normas de gênero limitam e (re)produzem estereótipos de acordo com as expectativas da estrutura patriarcal.

As estruturas patriarcais que (re)produzem normas e padrões de gênero desiguais são, no entanto, relacionais. Nesse sentido, é central abrir o debate sobre a produção de masculinidades. Qual a importância de se falar sobre masculinidades para os próprios estudos feministas e de gênero e para a reflexão sobre uma vida mais equitativa e saudável em sociedade para todas as pessoas?

O debate sobre masculinidades surge de um desdobramento das discussões sobre as relações de gênero. **Afinal, como pensar em “mulheres” sem pensar sobre os “homens”, uma vez que essas identidades são relacionais e estão imbricadas?**

## O QUE É SER HOMEM?

Da mesma forma que Simone de Beauvoir afirmou que “não se nasce mulher, torna-se”, Arnaud Baubérot (2013) afirma, sobre os homens, que “não se nasce viril, torna-se viril”. Em nosso imaginário social e nas próprias relações, quando questionadas/os

sobre o que significa “ser homem”, uma série de significados e símbolos nos ocorrem.

**Espera-se que esse corpo identificado como corpo masculino seja forte, viril, protetor, provedor, insensível, “macho”. São vários os significados e atitudes que são inculcados, ensinados e repetidos desde a infância aos homens.** Caso eles não correspondam a essa expectativa, a uma determinada norma social, logo são diminuídos, sendo associados ao feminino, como se este fosse inferior. Espera-se que os homens não demonstrem sentimentos e afetos. Espera-se (e valoriza-se) que os homens sejam violentos, bruscos, competitivos, duros e grosseiros em suas relações. Espera-se que os homens sejam heterossexuais, sem poder jamais demonstrar desejo pelo mesmo gênero, correndo o risco de ver sua masculinidade questionada. Espera-se que eles sejam sempre assertivos, objetivos, diretos, sem poder refletir ou assumir que não conhecem determinado assunto. Espera-se que esses homens sejam os provedores da família, o que, muitas vezes, em uma sociedade patriarcal, culmina na assunção de um direito de menosprezar e até violentar as pessoas que dependem do seu sustento.

Socialmente, há cobrança da expressão de uma masculinidade hegemônica, que pode ser compreendida, dentro das discussões de relação de poder e normas de gênero, como uma masculinidade “tóxica”, tornando esse “ser homem” sempre alvo de questionamento e vigilância



social constante para cumprir esse papel. É preciso pensar sobre o exercício da masculinidade de forma plural, enfatizando as múltiplas formas de ser e de performar a masculinidade na sociedade. **É através de uma experiência coletiva, em relação com outros homens, que essa identidade é formada: homens se tornam homens entre os homens, espelhando-se em outros homens, a partir da noção biológica do corpo que se contrapõe ao das mulheres e do arranjo cultural social no qual está inserido.**

Tudo aquilo que é visto como feminino – a sensibilidade, a fragilidade, o compromisso com o cuidado de si e dos outros, a delicadeza – é rejeitado, precisando estar completamente distante da performance masculina. Para um ideal estereotipado e universalizante de masculinidade, é impossível conceber um homem que chora, um homem que fala sobre o que sente, um homem que se expressa artisticamente, um homem que é delicado, sutil, carinhoso, equitativo e que não recorre à violência, seja ela física, verbal ou psicológica, para resolver seus problemas cotidianos.

Por isso, pensar sobre a pluralidade e a não universalização da categoria “homem” é tão importante, para que se possa refletir sobre as múltiplas formas de **“ser homem”** e as implicações desse **“ser homem”** nos arranjos sociais e culturais. Nesse sentido, a perspectiva feminista interseccional tem muito a nos oferecer, auxiliando na reflexão sobre essa multiplicidade. Será que todos os homens passam por essas cobranças da mesma forma? Todos os homens são vistos socialmente do mesmo jeito? Todos os homens são interpelados pela sociedade da mesma maneira? Existem diferenças de tratamento, de cobrança, de exigência?

## MASCULINIDADES E MARCADORES DA DIFERENÇA

Ao pensar nos marcadores da diferença como categorias identitárias definidas socialmente, estamos propondo uma reflexão baseada em lugares sociais de poder, assumindo que esses lugares se constroem nas estruturas sociais a partir da existência desses marcadores da diferença (que denunciam uma quebra nos padrões hegemônicos e que se interseccionam ao se entrecruzarem), produzindo a pluralidade do **“ser homem”** na sociedade. A partir dessa abordagem, propomos ampliar os discursos e estratégias para a discussão do tema **“masculinidades”**.

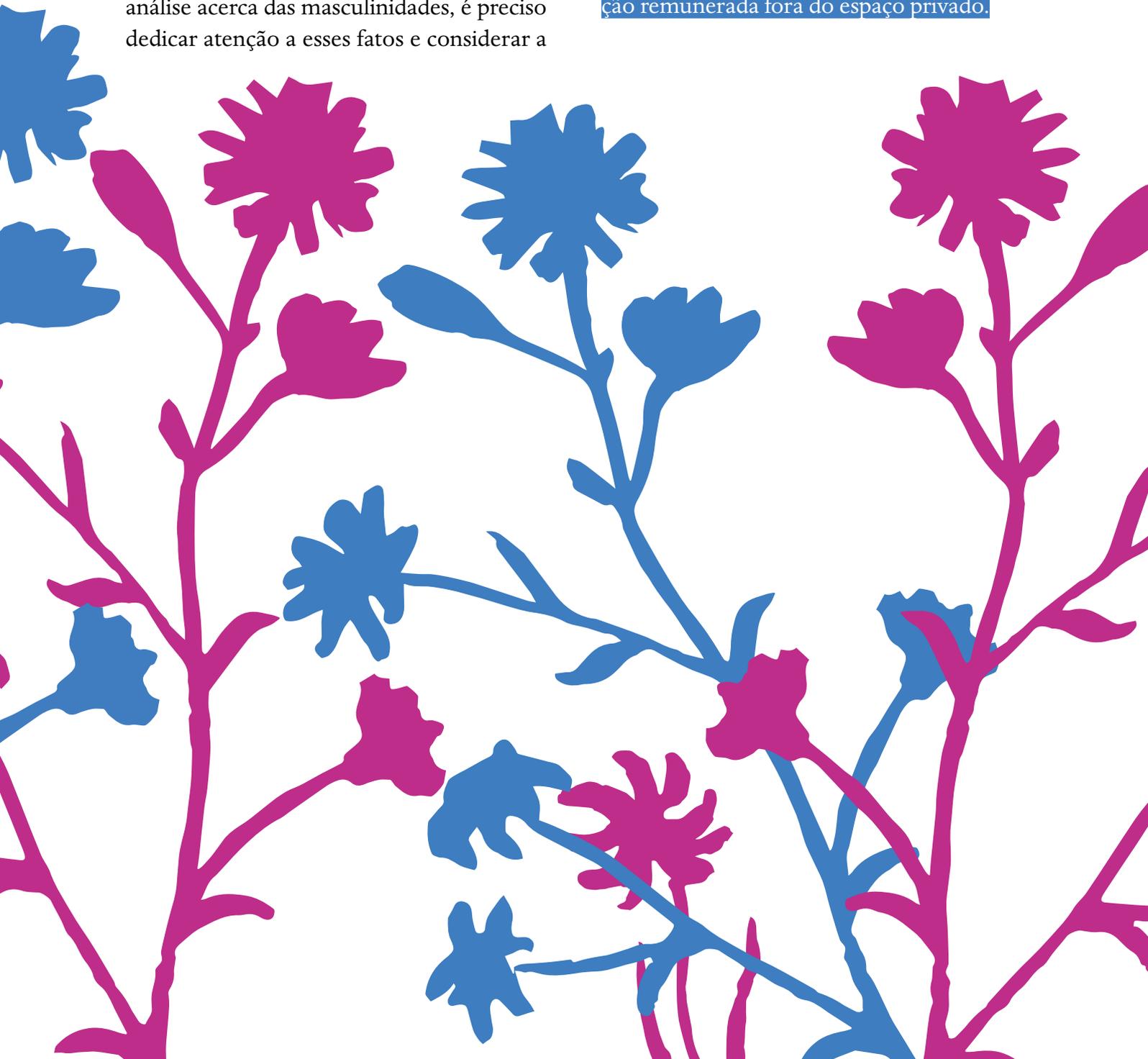
Em relação ao marcador racial, por exemplo, podemos observar diferenças no que concerne os acessos, exigências, comportamento e possibilidades. A experiência racial é um exemplo dessas intersecções de opressões que atravessam as masculinidades. No Brasil, por exemplo, um país colonial, construído a partir da exploração e desumanização de indivíduos, a marca de ser um homem negro torna necessária uma reflexão contextualizada, pois os homens negros estão em posição estrutural de vulnerabilidade, se comparados aos homens brancos. Essa condição é evidenciada em dados como o do Atlas da Violência (2020), que nos informa que **o assassinato de homens negros no Brasil cresceu 10,5% nos últimos 10 anos**, enquanto no mesmo período **a taxa de assassinatos de homens não negros caiu 12%**. A partir dessa perspectiva, é possível questionar: todos os homens passam pela mesma experiência? Diante do racismo estrutural, poderia um homem negro circular tranquilamente na cidade sem correr o risco de ser abordado pela polícia, de ser violentado, de ser assassinado, por exemplo?

Os marcadores da diferença constituem a posição dos homens dentro das dinâmicas sociais de relações de poder, e contribuem, por exemplo, com o fato de ser muito mais fácil para um homem branco, com a soma dos privilégios de raça e de gênero, alcançar um status melhor em seu emprego do que para um homem negro ou do que para uma mulher.

São muitas nuances dentro desta reflexão, ainda que o caminho seja não hierarquizar opressões, como aponta a autora Audre Lorde (LORDE, 2009). Para construir uma análise acerca das masculinidades, é preciso dedicar atenção a esses fatos e considerar a

experiência dos privilégios dentro de uma reflexão coletiva que almeje desconstruir as estruturas rígidas que fomentam e instituem privilégios sociais.

Ao falarmos sobre construção de masculinidades, dois pontos são bastante evidenciados: a paternidade/cuidado e o mercado de trabalho; o trabalho reprodutivo e o produtivo. **A sociedade ensina e espera que homens sejam responsáveis por prover a subsistência da família; determina que eles tenham acesso ao espaço público e que eles tenham prioridade em relação a exercer uma função remunerada fora do espaço privado.**



## O “SER HOMEM” PROVIDOR

A responsabilidade de sustentar financeiramente a família, diante de uma sociedade capitalista e patriarcal, confere poder aos homens. Poder de controle, poder de decisão, poder de intervir na realidade concreta das mulheres e de seus filhos e filhas. Pelo fato de muitas mulheres serem privadas de estudar e trabalhar fora de casa em empregos remunerados (por proibições da família ou por uma questão cultural que não as incentiva a se tornarem independentes), em um relacionamento heterossexual, elas se tornam dependentes do marido. Esse tipo de dinâmica relacional traz um peso enorme tanto para homens quanto para mulheres.

No entanto, é imprescindível ressaltar que, ao pensar sobre o corpo do homem no espaço público, nas relações de classe social, no sustento e constituição familiar, precisamos nos atentar aos marcadores sociais da diferença, pois, como dito anteriormente, não são todos os homens que circulam nos espaços públicos com a mesma segurança, e os tipos de empregos e trabalhos conquistados estão diretamente relacionados às questões estruturais dessas desigualdades. Da mesma forma, as experiências de trabalho e circulação no espaço público, do ponto de vista histórico-social, marcadas pela desigualdade, interferem na vida de mulheres brancas e mulheres não-brancas, por exemplo.

Fomentar a identificação com outras possibilidades de exercer a sua performatividade de gênero, incluindo outros modelos de “ser homem”, pode ter um impacto direto na interrupção de ciclos de violência e opressão.

Os estudos sobre masculinidades levados a cabo ao longo da última década mostram o preço e peso do significado de “ser um homem de verdade”, que tem que se provar, que tem que ser o principal provedor, para não ser tachado de fracassado,

incompetente, fraco, irresponsável. Assim, muitos homens se desdobram em várias atividades, que os levam à exaustão, frustração, problemas de saúde mental e física, para conseguir dar conta de corresponder às normas sociais que lhes foram impostas. Estudos realizados pelo Promundo na pesquisa *The Man Box* dizem que quase 70% dos homens ouvem falar desde crianças sobre o que é ser um “homem de verdade” e quais atitudes esses “homens de verdade” devem ter, e a responsabilidade exclusiva sobre o sustento familiar faz parte dessa “caixa do homem” que determina o que é ser “homem de verdade”.

Em um cenário como o do Brasil atual, com elevadíssimos índices de desemprego, sobretudo entre a população mais pobre, e, por isso, mais vulnerável, corre-se o risco de esse homem aceitar realizar atividades de extrema exploração, atividades de risco, para poder levar o sustento para casa, como responsabilidade individual e carregada de culpa.

Um local de extrema importância para que se trabalhem as transformações dos códigos de conduta de uma masculinidade hegemônica, a fim de desfazer essa “caixa do homem”, é a escola, pois no ambiente escolar, através do convívio entre as pessoas, as normas podem ser reforçadas ou questionadas no interior das relações, fazendo com que as possibilidades de produzir e construir modelos de masculinidades alternativas sejam reais.

Em grupo, para reafirmar o “ser homem de verdade”, os meninos recorrem a comportamentos e atitudes “dentro” da norma. Isso se torna uma questão de identificação e integração no grupo. Para não passarem por situações que os façam sentir vergonha e humilhação, acabam por reproduzir a violência, a agressividade, a competitividade, a postura altiva que representa força, sem

muito ou nenhum espaço para a expressão daquilo que sentem.

Ao pensar na escola, podemos refletir sobre como os corpos são tratados nesse ambiente. Por exemplo: é comum e aceitável os meninos estarem sujos, bagunçados, brigarem entre si, assediarem as meninas, portarem-se de forma entendida como “**mais bruta**”. Existe, portanto, um processo pedagógico que os ensina a serem meninos/homens, e eles aprendem desde cedo o que é certo e errado, pois as punições acontecem caso não correspondam à norma. Punições em forma de “**piada**”, de “**brincadeira**”, de violência verbal, e também física, ou seja, se fogem desse padrão, logo são chamados de “**mulherzinhas**”, “**viados**” e uma série de nomes que não são xingamentos, mas que, nesse contexto, possuem essa conotação.

E, para sustentar essa imagem, há um peso. O peso, por exemplo, de se fecharem, de não se permitirem uma abertura emocional. **Diante de tanta violência contra seu corpo, muitos meninos se sentem sozinhos, solitários, nunca encontrando um espaço em que possam falar de si**, falar sobre o que pensam e sentem. Há casos até mesmo em que não sabem nomear seus sentimentos, não conseguem expressar em palavras o que se passa com eles. Tudo devido a um endurecimento do corpo, da subjetividade imposta por essa “caixa do homem”; esse peso consiste, afinal, na falta de humanização dos meninos e dos homens. **Manter-se sempre com uma postura de força, de competitividade, de controle traz danos à saúde, além de limitar a expressão da vida.**



## O “SER HOMEM” CUIDADOR

Na tentativa de construir e restituir essa humanidade dos meninos e dos homens, a partir do encorajamento, a pensar sua subjetividade criticando a dureza da “caixa do homem”, temos o tema da paternidade e o foco no cuidado masculino como caminho possível para essa construção, temas que têm recebido cada vez mais atenção nos debates sobre a construção das masculinidades.

Como consequência das pedagogias culturais, dos ensinamentos dados aos meninos desde crianças, a demonstração de afeto é algo criticado pela sociedade. Homens não recebem carinho de seus pais, não recebem acolhimento, por isso não ser considerado “coisa de homem”.

Pesquisas nacionais e internacionais mostram que, tal como a violência, a ideia sobre cuidado pode ser transmitida intergeracionalmente, por isso, homens que decidem ser o oposto de seus pais, justamente porque sentiram sua falta, sentiram sua ausência, sentiram a privação de afeto, ressaltam e apresentam a necessidade de romper com a transmissão intergeracional de violência, quebrando ciclos violentos no interior das famílias e abrindo possibilidades para que relações saudáveis sejam construídas.

A construção social que delega às mulheres o cuidado e o bem-estar dos filhos e filhas fomenta a noção de que ao homem não cabe o papel de ser cuidador. Ele não é visto pela sociedade como pessoa inteiramente responsável (ou capaz de sê-lo) pela criação e educação daquela criança, bem como do cuidado dela.

É importante levantar pontos de reflexão para a construção de outras masculinidades:

★ **Meninos veem homens exercendo cuidado?**

★ **Se é através do coletivo que nos humanizamos e nos construímos enquanto**



**sujeito, que referência de cuidado um menino possui desde sua infância?**

Aprofundando este ponto, recorrendo novamente ao recorte racial e aos dados sobre a violência:

★ **Quantas crianças acabaram por perder o pai por conta do genocídio da população negra?**

★ **Quantas crianças tiveram o pai assassinado em razão de sua raça, de sua classe, e cresceram sem a figura paterna?**

Pensando sobre sexualidade:

★ **Quantas crianças deixam de ser adotadas por famílias homoparentais por preconceito sistêmico?**

★ **Quantas crianças passam por preconceito na escola, nos espaços de sociabilidade, justamente por terem dois pais?**

Muitos são os caminhos para essas reflexões, e o que se torna imprescindível é construir espaços de conversa, escuta, acolhimento e aprendizagem, com o intuito de firmarmos um compromisso ético-político e ideológico da não-universalização do “ser homem”, e assim produzir fissuras e rachaduras na dureza dessa “caixa do homem” para que efetivamente modelos de masculinidades plurais possam ser vistos em uma sociedade possível e equitativa.

## SEXUALIDADE

Vivemos em uma sociedade cheia de normas, regras e condutas sociais impostas para serem seguidas. As compreensões sobre sexualidade também são afetadas por essas normas, segundo as quais a heterossexualidade é a expressão universalizante da sexualidade, imposta socialmente como legítima, padrão e validada, ou seja, aquela que precisa ser seguida por todas as pessoas.

A partir disso, meninos e meninas, ao serem socializados, aprendem sobre a sexualidade tendo como guia os parâmetros da heterossexualidade como possibilidade única.

Um outro ponto de relevância desta discussão, no que concerne as masculinidades e em relação ao tema da sexualidade, diz respeito à performance sexual exigida dos homens, como parte da cultura hegemônica que diz o que é “ser um homem de verdade”. É um tabu falar sobre sexualidade, discutir sobre as dúvidas, as questões, as dificuldades. Para a masculinidade hegemônica, por exemplo, o que configura relevância é contabilizar a quantidade de parceiras que já teve e/ou que já conseguiu ter em uma noite e/ou dizer como sua performance foi sensacional.

É importante ressaltar que os ideais de performances sexuais consideradas “boas” e “corretas” são muitas vezes constituídos a partir de um padrão hegemônico que o homem segue, em que ele é o único responsável pelas “ações realizadas” durante o ato, focando todo o momento do ato sexual, que se supõe uma “troca”, com pelo menos mais uma pessoa, em sua própria atuação, em torno da penetração do pênis como representação da virilidade e masculinidade exigida socialmente.

Muitas são as construções sociais que constituem esse lugar para o homem em relação à sua performance sexual, e, nesse

sentido, a indústria da pornografia, mantenedora desses padrões culturais machistas, segue sendo, de forma naturalizada, um dos principais referenciais de introdução dos homens à vida sexual. Estes, muitas vezes, para “demonstrar sua virilidade e macheza”, acessam esses conteúdos a fim de “aprender” as práticas e os movimentos para suas performances sexuais, reproduzindo os modelos impostos pela cultura machista, que se apresentam nessas estruturas mediáticas e, de maneira geral, na comunicação hegemônica. Outro fator a ser ressaltado é que, muitas vezes, a iniciação sexual dos meninos é feita através de recursos como a prostituição, e, juntando isso à relação com a pornografia, tem-se uma “substituição” do que poderia ser um lugar de educação sexual para esses meninos a partir da escuta, da divisão de responsabilidades, do acolhimento das dúvidas e incertezas.

Ainda sobre a performance, ao pensarmos sobre o corpo racializado, o corpo negro, há uma imagem construída sobre esse homem. O corpo do homem negro é hipersexualizado, assim como o da mulher negra, cada um com sua particularidade. É esperado do homem negro que ele tenha a melhor performance possível – que, na realidade, representa conseguir manter sua ereção por muito tempo e ser extremamente viril no ato sexual – e que seu órgão sexual seja sempre grande, de acordo com o imaginário em relação ao que seria um pênis grande.

O corpo em sua totalidade, os sentidos, inúmeras possibilidades de sentir prazer, são descartados para que se corresponda à performance sexual normativa da heterossexualidade. E o prazer das mulheres fica em segundo ou último plano, nesses casos, já que há muita desinformação sobre o corpo das mulheres, que muitas vezes é percebido no sentido de “dar prazer”, e não receber ou sentir prazer.

A troca sexual, os variados pontos do corpo que também podem ser explorados, o sexo sem penetração e até mesmo a prática sexual em que não seja obrigatório ter orgasmo são impensáveis neste caso. Aqui, há uma precariedade na exploração dos corpos, dos sentidos, dos prazeres, da troca, da intimidade. **O foco é apenas a penetração e o orgasmo masculino, o que reduz muito a oportunidade de ter uma relação sexual mais saudável para ambos os gêneros.** É importante atentar para o impacto do consumo da pornografia e do estímulo do mercado pornográfico para homens desde muito jovens, e o modo como este atua como um modelo da prática sexual, exercendo muitas vezes um papel de “educação sexual”, que corrobora com uma prática sexual muito centrada no controle e domínio masculino.

Ainda sobre esse ponto, é importante lembrar que esse tabu faz com que os homens não conheçam o próprio corpo, não o explorem. **Muitos homens, como discutido em uma das aulas do Curso Livre promovido pelo projeto GlobalGRACE Brasil, nem sequer tocam o próprio pênis.** Não olham, não observam detalhes, não conhecem parte do corpo que possuem. O único contato permitido é na hora de urinar, na masturbação e no momento do sexo; fora isso, tocar o corpo com frequência “não é bem visto” e não é incentivado pela família, pelas escolas, pelas políticas. Um exemplo dos resultados disso são as campanhas de saúde masculina, como a do Instituto Lado a Lado pela Vida (LAL), idealizador de uma campanha para o **Novembro Azul** intitulada **‘Lave o Dito Cujo’**, que tem como objetivo alertar e ensinar os homens a lavarem de forma correta o próprio pênis, pois essa falta de contato e conhecimento **leva muitos a terem câncer de pênis como resultado da falta de uma higiene adequada.**

Há também um discurso de “força” por trás dessa falta de contato e de cuidado com o próprio corpo. Em geral, os homens só recorrem aos atendimentos médicos quando a saúde já está bastante comprometida. Existe a resposta corriqueira de “isso não é nada”, “dá pra aguentar”, que acaba fazendo com que o homem postergue o cuidado consigo mesmo, levando seu corpo ao limite. Essa “força” que precisa ser performada pelos homens decorre da noção de que não cabe ao homem ser cuidado, pensar na prevenção, pois isso representa fraqueza, uma vez que “macho mesmo aguenta tudo”.

E quando o *cuidado* é confundido com proteção, e proteção, com *controle*?

**E quais perigos carrega essa ideia de “proteção”?**

Muitos homens são socializados de tal modo que podem entender que cuidado equivale a proteção e controle. Proteção da companheira, de filhos e filhas, da família, que muitas vezes ganha a conotação de controle sobre a vida da companheira e filhas/os. **Entende-se que proteger essas pessoas significa “exercer cuidado”.** A proteção, junto à ideia de controle carregada de cobrança de ser o provedor da casa, traz peso, e também pode trazer perigo para as pessoas que convivem com homens que trazem consigo essa compreensão.

Essa noção de proteção pode fazer com que o homem tenha uma postura violenta, entendendo as pessoas à sua volta como propriedade. Se é ele quem protege, provê, “cuida”, supre as necessidades financeiras, enfrenta situações de perigo pois “precisa proteger” as outras pessoas, ele pode assumir um comportamento de abuso de poder ao exercer esse controle.

Nesse caso, ele entende a esposa/namorada como propriedade, filhos e filhas como propriedade, e, também em

relacionamentos homoafetivos, seu esposo/namorado como propriedade, reproduzindo a mesma lógica heteronormativa. **Acreditar, ainda que subjetivamente, que a outra pessoa é sua propriedade faz com que esse homem ao mesmo tempo se desumanize e desumanize a outra pessoa.** Ele corre o risco – e, muitas vezes, esse é o comportamento padrão, devido ao machismo – de obrigar as outras pessoas a agirem de acordo com sua vontade.

Quando esse homem vê sua companheira como propriedade, ele deseja que ela cumpra com o papel social destinado às mulheres, que dita, por exemplo, que ela seja a única responsável pelo cuidado da casa, pelo cuidado de seus filhos e filhas, que esteja à disposição do marido para ter relações sexuais, se comporte e tenha uma conduta pautada naquilo que ele quer.

A confusão entre **“proteção”, “controle”** e **“cuidado”** pode levar ao caso extremo de violência, quando as outras pessoas não agem conforme o desejo desse homem. Por entender o/a outro/a como propriedade, **ele se sente no direito de recorrer à violência física, verbal, psicológica,** como forma de punir e evidenciar que quem detém poder sobre aquele grupo é ele. Ou seja, utilizar a violência, em suas variadas formas, é um dos mecanismos utilizados pelos homens e faz parte da construção das normas de gênero que fomentam uma masculinidade tóxica, violenta, hegemônica.

Todos os elementos que compõem a compreensão da sexualidade a partir desses parâmetros para construção de masculinidades possíveis e saudáveis devem ser debatidos e fomentados, para aplacar os efeitos das masculinidades tóxicas. **A sexualidade é um ponto central nestas conversas.**

## TRANSEXUALIDADE

É importante refletirmos de que modo a masculinidade hegemônica afeta os corpos dissidentes das normas de gênero. **Os homens transgênero** passam por uma série de imposições sociais ligadas ao que se espera do **“ser homem”**. Levando em consideração o quanto essas identidades são aniquiladas em nossa sociedade, não tendo sua legitimidade e direitos garantidos, e o quanto esses corpos cotidianamente são violentados, é necessário pensar sobre os efeitos de uma cobrança social acerca da performance de gênero.

A transexualidade é uma questão para a contemporaneidade, onde vivemos em uma sociedade que prega o que é certo e errado, o que é **“ser homem de verdade”** e **“ser mulher de verdade”**. **A base para essa cobrança é a cisgeneridade,** que, para uma maioria tradicionalista e preconceituosa, é a única expressão de gênero existente, e as demais não passam de uma construção das feministas, que pretendem implementar uma ideologia de gênero e doutrinar crianças e adolescentes a serem **“aquilo que não são”**.

Fundamenta-se esse discurso na compreensão biológica de corpo, em que ele é definidor de características, condutas, gostos, comportamentos, desconsiderando toda a construção social que participa ativamente no processo de subjetivação dos corpos. Ou seja, descarta-se toda a influência histórica e social que nos constitui enquanto sujeitos, tomando a biologia como imutável e determinante na vida de cada pessoa. **Diante desse pensamento, as pessoas trans passam por um processo violento de invisibilização que deslegitima essas vidas e as coloca à margem da sociedade.**

Para ter um mínimo de reconhecimento possível (se é que este existe), muitos homens trans acabam recorrendo às normas de gênero, exercendo uma masculinidade

tóxica, numa tentativa de serem aceitos socialmente. Recorrem a todos os códigos de conduta da masculinidade normativa, performando como homens violento, insensível, forte, viril, macho.

A identidade trans já não é legitimada em nossa sociedade, sendo o Brasil o país que mais mata pessoas transgênero do mundo (ANTRA, 2020). Sendo assim, como poderia um homem trans sobreviver (quase como se fosse esta a melhor das hipóteses) sem recorrer a uma performance da masculinidade normativa?

Obviamente é possível borrar as normas de gênero e burlar as imposições sociais que recaem sobre os corpos, mas qual o preço

de resistir em uma sociedade ultraconservadora? Tendo sua identidade questionada, violentada, deslegitimada, como um homem trans, que precisa reafirmar para todos, a todo momento, que é homem, poderia, por exemplo, usar uma roupa que é lida como “feminina”? Qual o preço de não querer fazer a hormonização ou a cirurgia de redesignação sexual?

A violência de ter sua identidade contestada cotidianamente aumentaria, visto que esse homem não estaria performando a masculinidade hegemônica. Por isso, acreditamos na importância de construir e disseminar modelos alternativos de masculinidades como caminho para todas as existências.





## CONSTRUINDO OUTRAS MASCULINIDADES: ARTE, GÊNERO E POTÊNCIAS PERIFÉRICAS

De que maneira a arte colabora na construção de outras masculinidades?

Os debates e questionamentos sobre normas e construções de gênero, bem como o debate sobre masculinidades, têm assumido, ao longo das últimas décadas, um tom mais acadêmico. Tais maneiras de produzir questionamentos sobre temas tão pertinentes na vida cotidiana seguem sendo, em muitos espaços, uma forma pouco criativa de diálogo, e com raízes profundas em uma forma educacional eurocêntrica. A capacidade criativa e artística presente de maneira orgânica em todas as esferas sociais, nas mais diversas culturas, apresenta-se como uma ferramenta imprescindível para a garantir a receptividade e capilarização do debate desses temas. A arte, em suas múltiplas linguagens, enquanto dispositivo de transformação social, atua como uma narrativa contra-hegemônica diante da produção de conhecimento hegemônico que dita comportamentos e atitudes padronizadas. Os caminhos apresentados pelo fazer artístico implicado politicamente corroboram com uma narrativa que produz um campo teórico-prático com mais possibilidades, com processos de experimentação, de projeção e de construção coletiva.

Falar sobre gênero e sexualidade é falar sobre corpo e sobre subjetividade, é, sobretudo, ir contra o pensamento dicotômico ocidental, responsável por separar a mente do corpo, bem como por estabelecer valores distintos sobre suas produções, sendo a mente reconhecida como uma parte dissociada responsável pela produção intelectual. Ao reivindicar uma visão segundo a qual

corpo e mente são indissociáveis, cria-se uma possibilidade para ler, ouvir e interpretar o que esse corpo tem a dizer sobre as ações e temas que afetam sua vida.

Neste sentido, é impossível ignorar os debates acerca do corpo e suas produções criativas e artísticas e a importância dele enquanto dispositivo para as reflexões sobre ideias engessadas, como o que é “ser homem” ou o que é “ser mulher”.

Ao introduzir o tema da arte, é imperativo pontuar que não partimos do olhar eurocêntrico que definiu e define o fazer artístico a partir das relações de poder social, conceituando inclusive o que é “trabalho artístico” a partir de referenciais coloniais que contribuem com uma classificação sobre o que é arte e o que não é, tendo nos museus, nos/as artistas canonizados/as, um discurso único que rebaixa produções artísticas emergidas em contextos diversos do senso comum sobre arte e fazer artístico. Ainda que a arte, como fruto livre e criativo das expressões e reflexões sobre corpo e subjetividade, seja transgressora por excelência, ela é também capturada por discursos normativos e pode contribuir com assimetrias de poder nas relações sociais.

Politicamente, afirmamos o compromisso de nomear como produção artística o resultado sistematizado dos processos criativos de pessoas plurais, de diversos pertencimentos raciais, culturais e sociais, sem que estas produções ocupem um lugar folclorizado ou exotizado, em oposição ao que se entende como arte hegemônica. Esse exercício é o primeiro passo para reconhecer a força presente nos discursos artísticos e conferir visibilidade ao papel de formação social e cultural neles existentes.

Nesta cartilha, elegemos o fazer artístico marginal e periférico para pensar nas inúmeras possibilidades de ampliação do

debate de temas sociais e na produção de discursos representativos de fato, através das práticas artísticas que tocam, que comovem, que produzem essas reflexões, que causam incômodo, estranhamento, que têm a capacidade de transformar e se complementam com pautas existentes nas lutas e no ativismo, ampliando as formas de reivindicar agendas de maneira criativa e com a liberdade que uma produção artística permite, resultando inclusive em um novo conceito fruto dessa fusão, o artivismo.

O artivismo é um neologismo conceitual que ainda não tem consenso e total aceitação, seja nas ciências sociais, seja nos estudos das artes. Ao unir a produção artística com agendas sociais, o conceito aborda as relações clássicas e polêmicas em torno dos temas arte e política, sendo muito importante para estimular as possibilidades potenciais da arte enquanto ação de militância, resistência e subversão. Nesse sentido, a arte como agente de transformação social resulta no fazer artivista que existe como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística contra-hegemônica.

A arte à qual nos referimos nesse processo é fundamental para desestruturar as convenções e normas sociais, com questionamentos, escancarando sem pudor o quanto ainda precisamos, enquanto sociedade, aprender a viver com a diferença. Sem dúvidas, as expressões artísticas expõem a necessidade existencial da pluralidade como parte de nossa vida, parte de nossa forma de ver o mundo.

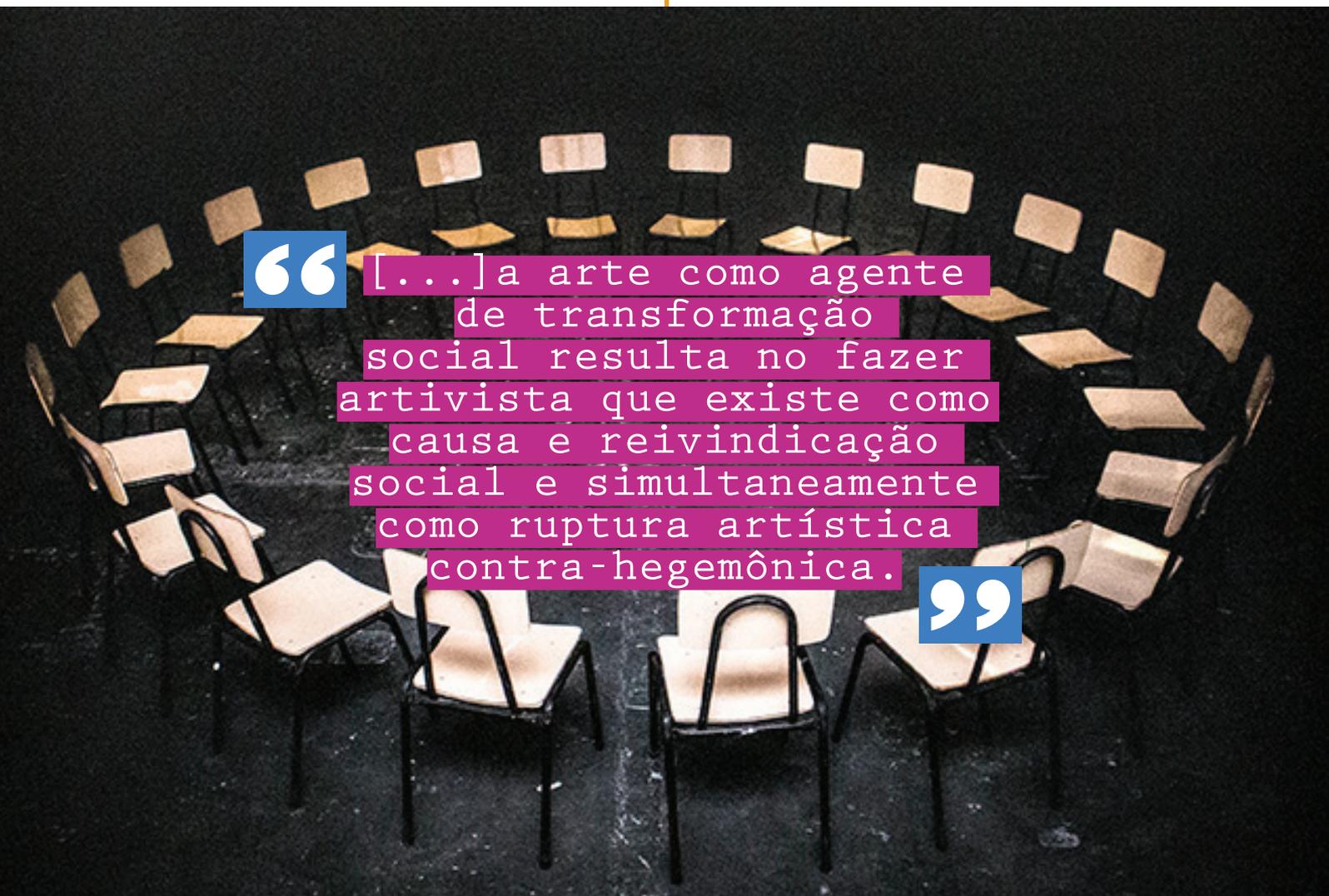
Por isso, entendemos o fazer artístico também como produções presentes no cotidiano que demonstram de forma quase instintiva uma conexão com as múltiplas origens ancestrais e identitárias traduzidas nas músicas, nas danças, nas literaturas, ou seja, nos corpos, e, por isso, nos gestos

e práticas culturais. Apresenta-se para os/as de olhar mais atento uma maneira de recuperação da memória de resistência de grupos socialmente ditos minoritários e sistematicamente oprimidos.

As relações entre poder e produção artística/cultural são totalmente conectadas às manifestações artísticas que têm como premissa caracterizar as práticas culturais de determinado grupo social. Essa relação revela a todo momento os modos de organização social e, conseqüentemente, as formas de dominação e desigualdade de poder; por isso, as “funções da arte” dentro de uma sociedade podem ser compreendidas de muitas maneiras, além de também explicitarem a intencionalidade de eleger qual arte é legítima e qual não é. Todas estas questões, dentro de um contexto político desigual, são relevantes e nos demandam um olhar mais atento sobre as produções artísticas de grupos que não ocupam esses espaços de poder na sociedade, e que utilizam de suas produções

artísticas para reivindicar, denunciar e/ou apresentar um contexto histórico-cultural diferente do que está dado.

Produções artísticas que versam sobre temas como gêneros e sexualidades, por exemplo, podem trazer muitas camadas e nuances específicas demonstradas nos discursos explícitos que potencializam a importância desses temas na sociedade, disputando narrativas, apresentando visões de mundo plurais. Nesse sentido, o fazer artístico é um potencial elemento de transformação, quando utilizado em favor da desnaturalização das relações sociais opressivas, da diluição de padrões endurecidos sobre gênero, pela sua capacidade de trazer à tona o que é visto e assumido hegemonicamente como “normal” e “natural”, utilizando de maneira criativa e autêntica esses códigos sociais que aprendemos no decorrer da nossa vida.



“

[...]a arte como agente de transformação social resulta no fazer artista que existe como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística contra-hegemônica.

”




 ESCOLA LIVRE DE ARTES  
 2020 - 2021  
**MASCULINIDADES EM DIÁLOGO**  
 Artistas  
 Abimael Salinas  
 Ana Bia Novais  
 Davi Pontes  
 Loo Stavale  
 Morani  
 Patfudyda  
 Paulo Vinicius  
 Pedro de Moraes Barros  
 Rafael Amorim  
 Rafael Simba  
 Simonne Silva Alves  
 Taisa Vitóri

[ar.ti.vis.mos]


 ESCOLA LIVRE DE ARTES  
 2020 - 2021  
**MASCULINIDADES EM DIÁLOGO**

INSTITUCIONAL: ItaúCultural, JICA, Sambaolas Filantropias  
 PRODUÇÃO: A...  
 REALIZAÇÃO: OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, DE LA...  
 GALERIA...

A arte tem o poder de produzir incômodos: até quando pensamos já saber algo sobre a temática, ela movimenta e propicia aprendizado de forma concreta para que outras narrativas sejam possíveis. Por que pensar em homem apenas de uma forma?

Por que associar certos comportamentos, características, ideais aos homens? Por que pensar sobre ser mulher de uma forma universal?

- ✳ O que faz alguém ser homem?
- ✳ Ser menos homem, mais homem?
- ✳ O que é normal, no quesito “sexualidade”?

A arte e suas produções podem gerar conteúdos que provocam fissuras nessas ideias

instituídas, ao apresentar modelos alternativos e pluralizar as respostas para as perguntas acima. O diverso, múltiplo, o amplo campo das artes comprometido com a ética e com a construção de um novo mundo, de uma sociedade possível para todas as pessoas, é capaz de lançar esses questionamentos em suas múltiplas expressões e linguagens. No sentido desta busca, olhamos para uma produção coletiva de um espetáculo artístico como resultados de uma experiência que demonstra a prática (práxis) de todas as teorizações supracitadas a respeito da potência da arte na transformação social.

## O ESPETÁCULO ARTÍSTICO “NA MANHA” E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA VIVIDA COMO PROCESSO EDUCATIVO, POLÍTICO E DE TRANSFORMAÇÃO

Como visto anteriormente, a arte e suas expressões, suas múltiplas linguagens, tais como a dança, a música, a literatura, carregam essencialmente uma **potente fonte de possibilidades** para **transformação social**. Entender e assumir práticas culturais e artísticas existentes em determinados territórios como potencial transformativo é uma estratégia muito concreta de **produção coletiva**, de **relevância** e **impacto na sociedade**.

Uma das ações deste projeto foi a criação de um espetáculo de dança construído coletivamente com bailarinos/as participantes da Cia. de dança Passinho Carioca, que desenvolve há cinco anos aulas e espetáculos na linguagem artística da dança, através do ritmo funk, mais especificamente da modalidade de dança chamada *Passinho*. A Cia.

Passinho Carioca produz encontros culturais e aulas de dança que são realizados na Arena Dicro, um espaço cultural público localizado no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro.

Ao propor uma Residência Artística como parte de um projeto de formação em temas sociais, traduzida em um laboratório de criação, com vivências, oficinas, discussões e uma equipe interdisciplinar envolvida, o projeto demonstra a força e a necessidade de incluir a produção artística como elemento **fundamental de intervenção e construção de novos referenciais para pensar nos temas de gênero, masculinidades e sexualidade**.

Abaixo, segue o relato dessa experiência de forma detalhada, assumindo politicamente a importância de compartilhar as vivências e os resultados desse processo como alternativa a narrativas hegemônicas e universalizantes sobre construções de conhecimento, bem como fornecer modelos representativos e com potencial de aplicabilidade em múltiplos contextos.



## A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA - UMA APOSTA NO ENCONTRO ENTRE GLOBALGRACE, MULHERES AO VENTO E PASSINHO CARIOCA

A primeira aposta para a realização desse processo foi o caráter coletivo da construção, pois a equipe interdisciplinar do **GlobalGRACE Brasil**, composta por pessoas ligadas ao encontro entre o **Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio** e as organizações não governamentais **Instituto Promundo**, **Instituto Maria e João Aleixo** e **Observatório de Favelas**, idealizou, na **Arena Carioca Dicró** - equipamento público co-gerido pelo Observatório de Favelas e a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, localizada na Penha, Zona Norte da cidade -, uma Residência Artística mobilizada por reflexões e práticas sobre caminhos a serem expressos a partir da arte, especialmente da dança, e **diálogos** acerca de questões de **gênero e masculinidades**.

Para que essa aposta fosse possível, foram convidadas a Passinho Carioca, companhia de dança que surgiu e vem se organizando a partir da Arena Carioca Dicró, com seu diretor e seis dançarinos, e o Coletivo Mulheres ao Vento, um projeto de dança atuante no Conjunto de Favelas da Maré, formado exclusivamente por mulheres e com uma metodologia sistematizada de discussão de temas sociais, como gênero, corpo e sexualidade, aplicada às criações artísticas, nas figuras das artistas Andreza Jorge e Simonne Alves, que conduziram os laboratórios de criação da Residência.

### **Aquecimento do Passinho - Nosso percurso metodológico**

A Residência inicia com a escolha dos/as participantes; seis jovens bailarinas/os da

Cia. Passinho Carioca que foram convidados a integrar o processo, sendo três mulheres e três homens, cisgêneros e majoritariamente negros/as.

Os participantes ganharam uma bolsa de pesquisa mensal e firmaram o compromisso de participar ativamente de todas as etapas propostas, sendo assíduos/as, interessadas/os e dispostos/as a contribuir. De nossa parte, consideramos que esta parte da metodologia é bastante relevante: garantir um valor em dinheiro para pagar o tempo de dedicação de artistas periféricos/as em processos artísticos. **Isto porque, diante de inúmeras camadas de opressões estruturais, artistas oriundos/as de favelas e periferias precisam buscar fontes de sustento e renda**, para si próprios/as e para a família, através de outros trabalhos que não envolvem o seu fazer artístico, comprovando o grande “funil” que limita e naturaliza que a prática e produção artística sejam uma possibilidade apenas para quem ocupa os espaços de poder e acesso, devido à condição financeira e social.

A primeira fase proposta foi uma imersão formativa dentro dos temas sociais, com oficinas educativas, rodas de conversa e debates sobre os temas do projeto. A metodologia das oficinas se baseou na expertise das organizações participantes, especialmente do Instituto Promundo, em desenvolver atividades participativas de discussão e formação sobre os temas gênero, masculinidade e sexualidade. Nesse sentido, foram realizados 4 encontros presenciais no início do ano de 2020, com educadores/as convidados/as para facilitar encontros com temáticas específicas.

### **As rodas de conversa: nossos encontros de formação Encontro 1**

**Tema:** Metodologias interseccionais e práticas artísticas: construindo caminhos alternativos de representatividade

O encontro teve como objetivo principal apresentar às e aos participantes alternativas para a desnaturalização dos papéis sociais de gênero atribuídos aos homens e mulheres.

Foi realizada a técnica do Programa H (Instituto Promundo) chamada “O que é isso chamado gênero?”, que tem como foco provocar a reflexão desses papéis sociais e produzir uma discussão acerca de novos referenciais de masculinidades.

A partir dessas provocações **sobre ser homem e ser mulher e sobre as construções sociais pertinentes a esses papéis e seus reflexos na vida de um indivíduo**, foi feito um exercício imaginário de pensar a vida, com seus padrões endurecidos de posturas e atitudes normatizadas, como “caixas”.

Imaginamos que, ao nascer, somos colocados em **“grandes caixas”** que condicionam nossos modos de agir ou ser, como se essas categorias fossem inerentes ao nosso **sexo biológico**.

Essa metáfora da caixa foi muito instigante e chamou a atenção dos/as participantes, abrindo espaço para contarem momentos em que se sentiram “presos/as a essas caixas” e como isto afetou ou ainda afeta suas vidas. **Introduzimos o debate da teoria da interseccionalidade, pensando sobre as camadas que essas caixas sociais adquirem ao somar opressões estruturais, tais como raça, classe, territorialidade, dentre outras.**

Depois da discussão sobre gênero e interseccionalidade, falamos sobre arte e produção artística como uma ferramenta potente de desconstrução dessas caixas.

É importante destacar que essa metáfora da caixa acompanhou o imaginário dos/as participantes ao longo de toda a formação, tendo reflexos diretos na criação coletiva do espetáculo.

Foi um primeiro encontro muito inspirador e acolhedor na escuta das experiências compartilhadas.

## Encontro 2

**Tema:** Sexualidades, diversidade sexual e violências

Esse encontro teve como objetivo a discussão sobre diversidade sexual e sobre os conceitos mobilizados pela heteronormatividade, partindo das reflexões promovidas pelo documentário Bichas, como também das próprias experiências dos/as participantes em relação ao assunto. Também foram pensadas maneiras de entender os limites e as escolhas que nos são impostas socialmente, enquanto homens e mulheres, e as imposições para ser aquilo de que não gostamos, ou com que não nos identificamos.



Quando levamos em conta as orientações sexuais, o debate se alonga e revela uma série de preconceitos tão arraigados, que as pessoas evitam falar sobre qualquer assunto que toque nas categorias de gênero e sexualidade. **Mesmo entendendo que houve melhorias na difusão desses debates, ainda não é um avanço significativo, quando olhamos para as estatísticas que mostram que as populações LGBTQI+ e negra continuam sendo alvo de violências estruturais, com números chocantes de assassinatos motivados pela homofobia e racismo.**

Pessoas que não se enquadram no padrão cis-heteronormativo e branco têm maiores chances de sofrer violências e de serem excluídas socialmente devido à intersecção desses marcadores sociais de opressão estrutural. Conversamos sobre a dimensão da violência psicológica à qual

são submetidas todas as pessoas tidas como “desviantes” dessa normatividade, e o quanto esses processos são agressivos e nos deixam em estado de vulnerabilidade.

O corpo que se torna público, que é exposto e interrogado com bastante frequência, mesmo que os interrogatórios sejam disfarçados de “brincadeira”, evidencia essa invasão assistida à intimidade das pessoas “não héteros” e o estado de desumanização ao qual essas pessoas estão sujeitas. **As reproduções machistas e opressoras estão profundamente presentes em todas as esferas sociais, inclusive no âmbito da dança.** Um dos pontos altos da discussão durante a oficina foi entendermos que, se houve a construção dessas opressões e violências, existe também a possibilidade da desconstrução.

**Sáimos bastante esperançosos/as.**



### Encontro 3

**Tema:** Paternidade e cuidado

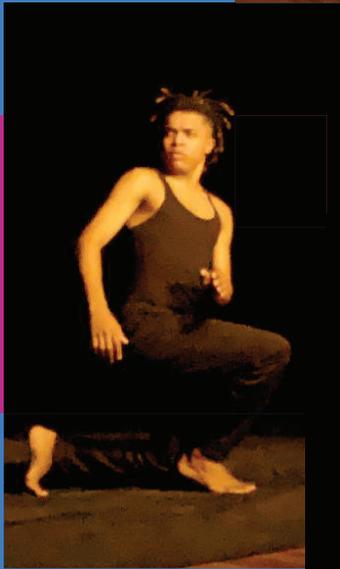
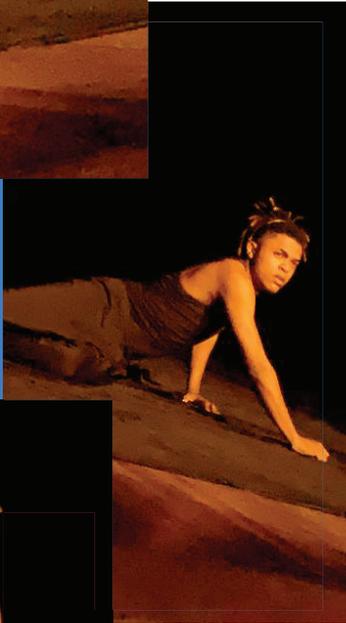
A temática discutida neste encontro é bastante sensível e complexa, e toca uma grande parte da sociedade que cresceu sem nem conhecer a figura paterna, mas a oficina foi conduzida nos fazendo pensar sobre os valores e deveres que são impostos ao homem socialmente. Discutimos a relação de cuidado para repensarmos a categoria de masculinidade.

**Por que falar em cuidado, e como o cuidado se relaciona com o debate de gênero?**

O ato de cuidar foi e continua sendo, ao longo de todos os tempos, um ato atribuído socialmente às mulheres. Desde a infância, meninas são estimuladas a esses tipos de atividades que envolvem o cuidado, o carinho, a delicadeza, a doçura, o que se justifica de alguma maneira no fato biológico de as mulheres engravidarem e parirem, logo, as normas sociais de gênero atribuem a ideia de cuidado de forma exclusiva às mulheres, gerando uma lógica de desigualdade de responsabilidades nesse momento da vida.

**Dentro dessa construção assimétrica do cuidado e da responsabilidade pela vida de um filho, temos naturalizada a figura do pai como alguém que “ajuda”, e não como alguém que compartilha, porque também é responsável, as atividades e responsabilidades; temos o homem como alguém que meramente pode ter a opção de ajudar, ou não.**

A função social destinada ao homem, que também é dura e normativa, é traduzida no papel de “homem da casa”, aquele que deve ser responsável por trabalhar fora e manter o sustento da família. Tanto o homem quanto a mulher possuem papéis bem determinados em relação à maternidade e à paternidade, sendo ele e ela um casal ou não, mas, ainda assim, ambos estão sujeitos ao machismo estrutural.



De fato, temos muitos desafios nas discussões sobre paternidade e cuidado, pois há uma ausência de modelos positivos como referenciais, e talvez tenha sido por isso que ficamos pensando sobre formas como gostaríamos que esses pais agissem conosco.

A facilitadora da oficina cuidadosamente conduziu uma dinâmica em que perguntava qual seria a forma como cada um gostaria que seu pai tivesse agido. **Em seguida, falamos sobre relações de poder, e como isso agenciava outros problemas vinculados à violência doméstica de uma maneira geral, tendo como pano de fundo da discussão as relações familiares e a naturalização das relações de poder.**

Fomos convidados/as a nos deslocar para outra sala, para vivenciar outra dinâmica, presente no manual H, chamada “Pessoas e Coisas”, que trabalha corporalmente e subjetivamente com o exercício do poder sobre o outro, fazendo-nos pensar profundamente sobre nossos papéis e sobre como nossas atitudes podem mudar de acordo com o lugar de poder ocupado. Fomos divididos em duplas, onde um seria a “coisa” (sem autonomia, sem poder) e o outro seria a “pessoa” (detentor do poder e da autonomia, sua e da sua “coisa”), e em seguida fomos provocados a nos relacionar com nossa dupla de várias formas, inclusive nos locomovendo pelo espaço, dançando. **Algo que podíamos perceber daquela experimentação era que, muitas vezes, nós mesmos confundíamos as relações de cuidado com relações de poder.** Depois de experimentarmos por mais um tempo, a facilitadora da oficina pediu para invertermos a relação, e quem foi “coisa” passaria a ser “pessoa”. Diante do que vivenciaram, os/as participantes que haviam sido “coisas”

inicialmente retribuíram ou reproduziram o mesmo tratamento que receberam.

Ao fim dessa atividade, voltamos à sala anterior, onde a facilitadora propôs que falássemos sobre a experiência da dinâmica e sobre o que havia mudado das falas anteriores em relação à atividade. **É preciso repensar esses papéis sociais urgentemente, para que possamos alinhar nossas falas e entendimentos teóricos com a atuação prática, para a transformação.** Por fim, escrevemos duas cartas, uma para quem cuida de nós e outra para aqueles/as de quem iremos cuidar.



## Encontro 4

**Tema:** Masculinidades Negras e Pactos Raciais

Este encontro, conduzido por Luciano Ramos, teve como foco central debater os desafios acrescidos que se atravessam nos processos de vida de homens negros, e o seu diálogo com as possibilidades de ser e viver. Luciano iniciou a oficina apresentando alguns livros importantes para debater este tema: **A elite do atraso**, de Jessé Souza; **Favelas do Rio de Janeiro**, de Rafael Soares Gonçalves; **Escravidão**, de Laurentino Gomes; **Na minha pele**, de Lázaro Ramos; **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**, de Henrique Restier; e **Peles negras, máscaras brancas**, de Frantz Fanon.

A partir da partilha da sua própria história de vida e de diversos exemplos da violência racista cotidiana que já cruzaram seu caminho, Luciano foi instigando os/as participantes a pensarem nas próprias vivências, problematizando a forma como o marco racial se cruza com noções e possibilidades de vivenciarem a sua masculinidade.

Não é possível discutir masculinidade no singular, pois as masculinidades são plurais. Homens brancos e negros passam por situações diferentes, e por isso, é necessário discutir de formas diferentes as questões de gênero, raça e classe e a forma como elas se interrelacionam. **Fanon diz-nos que “o homem negro não é um homem”, ou seja, é retirado historicamente do lugar de ‘humanidade’.** Fruto do imaginário construído pela branquitude através do processo de colonização, o homem preto é visto como bicho, não racional, caracterizado como animalesco.

Através do debate, Luciano propôs pensar o homem negro a partir de 2 grandes problemáticas:

**1 – Machismo:** Todo homem negro é machista, porque o seu processo social está pautado em normas rígidas de gênero. É, por isso, necessário pensar no processo educacional de forma interseccional, uma vez que o rompimento com o machismo pode significar a perda da única forma de exercer poder para o homem negro. Além disso, é fundamental promover a desconstrução da hipersexualização do corpo do homem negro, onde todo o seu potencial gira em torno da ideia de uma virilidade falocêntrica e falocentrada.

**2 – Racismo:** Negação do sofrimento. “Eu até sou preto, mas fulano é mais preto do que eu”. Uma negação daquilo que esse homem é, a partir do sofrimento do outro, como forma de minimizar a sua própria dor.

**Quais são os elementos específicos das masculinidades negras?**

**Quais são os elementos específicos das masculinidades brancas?**

**Quais são os elementos comuns das masculinidades?**

Reconhecer o racismo sistêmico social e institucional que nos rodeia representa o primeiro passo que nos permite entender o quanto homens negros vão sendo oprimidos e condicionados na própria possibilidade de vivenciarem a sua forma de serem homens de forma plural, diversa e saudável.

## A DANÇA E A CRIAÇÃO: NOSSOS LABORATÓRIOS ARTÍSTICOS

Com o fim dos encontros de formação em formato de roda de conversa, iniciamos os encontros para a construção do espetáculo, chamados de laboratórios artísticos e liderados por Simonne Alves e Andreza Jorge. Os encontros foram estruturados a partir de alguns pilares para o desenvolvimento

artístico do grupo, e as artistas e diretoras se perguntaram como, em tão pouco tempo, seria possível construir intimidade e confiança no grupo para que as pessoas pudessem se sentir livres para uma construção artística coletiva.

**Como poderíamos construir um espaço onde nossas narrativas pudessem se materializar em cena e pudéssemos nos sentir livres de julgamentos?** Este sentimento foi o motivador resultante de longos debates sobre pensar “fora das caixas” e sobre se posicionar frente a uma sociedade cheia de normatividade e dureza, que surgiram nas rodas de conversas dos encontros de formação. **Foi preciso compreender que houve construções sociais que nos moldaram dentro de estruturas machistas e racistas, e que precisa ser possível imaginar desconstruções e processos de reeducação e reelaboração desses pensamentos e práticas sociais e culturais.**

É importante acentuar que o contexto no qual as e os participantes desta Residência Artística estão inseridas/os é o do espaço público, tendo a rua, os parques, praças, arenas culturais e todos os lugares onde é possível dançar como territórios de existências. As experiências vividas oriundas da periferia, dos espaços considerados à margem, das favelas, dos morros, que carregam as vivências específicas dessas e desses jovens tornam-se, então, fonte primária de inspiração e criação contra-hegemônica.

O universo profissional da dança, assim como qualquer outra carreira artística no contexto brasileiro, é extremamente desigual para quem precisa dividir a vida de artista com outras atividades, tornando-se muito injusto para quem precisa garantir o sustento básico para sobreviver, pois não há um investimento que leve em consideração as desigualdades sociais que estruturam as

relações. A formação da artista e do artista periférica/o começa no minuto em que acorda e enfrenta sua realidade, imantada/o de inventividade cotidiana para dar conta de administrar o tempo e usá-lo a seu favor. As e os artistas incorporam nessa rotina desafiadora um momento para olhar para si, um momento para dar vazão a suas emoções, sentimentos, e para extravasar, dançar e aprimorar seu fazer artístico.

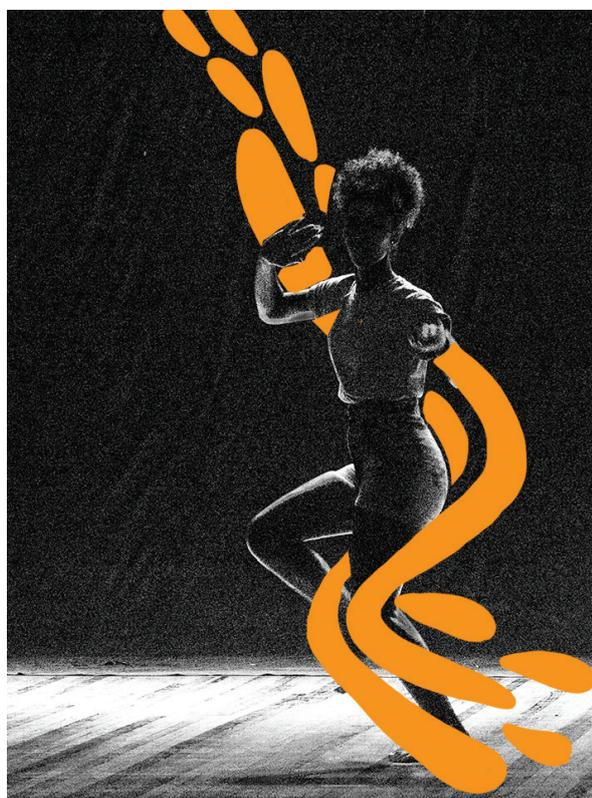
Artistas de favelas e periferias, majoritariamente negros e negras, precisam ser ainda mais criativos/as e inventivos/as para ousar viver profissionalmente da arte, e, ao se reinventarem nessas circunstâncias, carregam um diferencial que está para além da dança, está na maneira como elas/es encaram o mundo à sua volta e seus sonhos futuros. Todos esses fatores somados se corporificam em subjetividades dançantes e extravasam nos ritmos popularizados, como, por exemplo, o funk carioca.

Esse é o lugar escolhido como ponto de partida, pois reflete uma maneira real de produção de conhecimentos, através de construção coletiva, de pensamento coletivo, colaborativo e de múltiplas referências culturais e ancestrais. **A opção metodológica por estimular um sentimento de grupo serviu para que o processo fosse único e contribuísse com novas perspectivas surgidas do entrelaçamento dos saberes pregressos de cada artista, com suas experiências em processos de criação artística, para pensar e reivindicar inclusive a própria existência, afinal, mesmo sendo dançarinos/as, e levando bastante a sério este ofício, escolher o Passinho como linguagem artística é uma ação revolucionária diante das danças hegemônicas.**

O Passinho denuncia a vulnerabilidade desses corpos, lutando contra uma estrutura social que é racista e machista, e que não está preocupada com os direitos dessa

população periférica, suburbana, favelada, impedida de andar livremente por sua cidade sem ser seguida ou “mal-vista”, de ter acesso à cultura e a educação de qualidade, de ter uma política de segurança pública que não ponha em risco a sua vida. Essa arte que nasce enquanto grito de resistência, como movimento e dança, e que tem em sua grande maioria a adesão dos/as jovens, deve ser pensada enquanto bem cultural, destacando o protagonismo da favela, como mantenedora e propulsora de histórias tão diversas, plurais.

Com isto exposto, os encontros do laboratório de criação partiram de diretrizes que se traduziram em nossos modos de dançar, unindo as técnicas de dança, de produção cultural, escrita de roteiro, interpretação teatral, poesia, música e jogos corporais educativos com os temas que permeiam a vivência dos/as bailarinos/as e pautam discussões sociais pertinentes para a criação de estratégias e ações de transformação social.



## **MODOS DE DANÇAR- NOSSOS ENCONTROS ENTRE CORPO, TERRITÓRIO, CULTURA, COLETIVIDADE, ESPAÇO E TEMPO**

Tomamos como elementos de inspiração e criação a produção coletiva de alguns conceitos, na tentativa de propor formas plurais de interpretar e reinventar as palavras e seus significados, partindo de nossas experiências vividas como aposta para construir um espetáculo representativo, potente e com a capacidade de comunicar diretamente a jovens homens e mulheres ao redor do mundo nossas ideias sobre masculinidades, gênero e modos de vida.



CORPORATION

## CORPO

Dizem que quando adquirimos a noção do nosso corpo é que deixamos de lado o “primitivismo” arcaico. Dizem muitas coisas sobre o corpo e seus saberes, inclusive que não temos livre escolha e direito sobre o que fazer com ele. Logo, adquirir a noção do nosso corpo passa por entender que estamos sujeitos a regulações, cobranças e julgamentos, com o corpo sob constante vigilância.

Podemos pensar que, quando nos referimos ao corpo, é sempre em alusão à posse; falamos, por exemplo, “meu corpo”, e não falamos “eu-corpo” como forma de traduzir essa relação de existência inerente. É curioso, porque somos alimentados a compreender dessa forma nossa relação com o corpo, somos estimulados a lidar com as coisas e com as pessoas sempre sob o viés das relações de poder e propriedade, como algo natural. A maneira como poderíamos pensar e desenvolver outras concepções de corpo, para além dessa que individualiza, é aquela que coletiviza. E, principalmente, é preciso entender que o corpo é a expressão de tudo que nos significa, os mínimos detalhes. É a individualidade que produz a coletividade.

Cada corpo é dotado de saberes únicos e tão importantes que se faz necessário o compartilhamento de experiências sem hierarquizações, pois a compreensão dessas narrativas, movimentos e trajetórias é o que propicia ainda mais o engajamento e aprendizado individual para a força da diversidade coletiva.

O corpo é nosso primeiro meio de contato com o mundo, tanto de forma subjetiva, relacionada aos sentidos e sensações, como de forma mais objetiva, através das relações e aprendizados. Ao considerar o corpo como coletivo, pluralizamos também os saberes sobre ele, compartilhamos responsabilidades, território, cultura, afetos; cada corpo é um elo de sua comunidade.



## TERRITÓRIO E CULTURA

Lugar de existir e pertencer, sentir e ser parte do todo.

Cada território favelado e periférico é um mundo inteiro, tamanha sua diversidade cultural, religiosa, corporal, regional e étnica. No entanto, a sociedade, em sua maneira ocidentalizante e hegemônica de ler o mundo, não inclui o que considera diferente, à margem, outro. Ao produzir uma ideia de “outro”, impõe um padrão que exclui e silencia o diferente. Diante disto e de todas as formas de manifestação das desigualdades estruturais do Brasil, territórios periféricos, caracterizados pela diversidade potente e criativa, são marginalizados no que concerne a lacunas de direitos humanos básicos.

★ Como a favela consegue, ainda assim, respirar arte e cultura?

Muitos caminhos poderiam direcionar essa resposta, e, no entanto, a característica primordial que nos inspira a tentar responder consiste no sentimento de pertencimento e coletividade capaz de impulsionar moradores e moradoras a transformarem e construir sua vida e comunidade, lutando por dignidade e criando pontes para suprir as ausências do Estado.

As associações, os coletivos, os grupos, as cooperativas, ONGs, são formas de organização comunitária que permitiram a sobrevivência de gerações inteiras. Inserir a periferia nos debates políticos e sociais sobre cultura e dança, ressignificar o entendimento de “margem” e “centro”, colocando o Passinho como símbolo de expressividade e discurso capaz de reformular realidades, são exemplos concretos dessas transformações que movem estruturas.

Neste processo criativo, partimos do potencial que cada um e cada uma possui por

ser de alguma forma espelho de sua comunidade, que corporifica seu lugar, seu território, para pensar a importância da pluralidade de corpos e gestos. Entendendo que, mesmo ao falar de periferia de uma forma singular, estamos lutando contra uma essencialização e enaltecendo a diversidade de significações que possam traduzir os espaços periféricos. Cada favela é diferente, tem sua marca, suas características. Ao aprofundar este olhar, compreendemos a importância cultural do lazer e da sociabilidade que os/as jovens participantes da Residência têm com o baile funk. Cada experiência que trouxeram para a Residência sobre a vivência nos bailes continha referências musicais e artísticas muito próprias e peculiares desses espaços aonde eles/as costumam ir dançar e pôr em prática suas criações corporais e artísticas.

## COLETIVIDADE

★ Por que a coletividade foi uma das principais categorias levadas em consideração na Residência Artística?

Toda a abordagem pedagógica que conduziu os laboratórios de criação partiu de uma perspectiva cosmogônica e educacional fundamentada nas práticas culturais afro-brasileiras. Com essa abordagem, permitimo-nos conduzir processos com os/as participantes partindo da premissa da construção de um corpo coletivo, enaltecendo dentro do conceito de coletividade a força criativa presente em cada corpo-indivíduo, com o intuito de romper com as relações de poder presentes nas ideias maniqueístas da hegemonia que prima por construir binarismo antagônicos, como mente e corpo, masculino e feminino. Toda ação de fissura dessas normas engendradas é um grande avanço em prol de uma sociedade equânime. Politicamente, assumimos o

compromisso de falar sobre dança e cultura apresentando propostas decoloniais, e, por isso, contra-hegemônicas de produzir e partilhar conhecimento.

Quanto mais universalizadas as experiências de vida, maior a dispersão da força e beleza que há na diversidade e mais intencionais as disputas, onde cada indivíduo vislumbra uma plenitude singular. Nossa estratégia de criação e construção foi tomar a coletividade como categoria chave na solidificação e disseminação de conceitos e discursos plurais e inclusivos em nossos laboratórios criativos. Partindo daí, a coletividade opera dando sentido e direcionamento ao enfrentamento de problemas sociais estruturais, e, por isso, naturalizados no cotidiano, com ações que dão suporte a ideias inovadoras, estimulando a autoconfiança e possibilitando a liberdade de ser quem somos.

Um exemplo de como esta categoria foi implementada em nossas ações se encontra na cena “Fora da caixinha”, pois esta cena foi fruto de uma oficina educativa conduzida e criada pela bailarina Ayesca. A oficina foi desenvolvida durante o processo de criação da Residência e através de um envolvimento sensível, coletivo e disponível de todo o grupo para participar e reagir às provocações feitas pela facilitadora. Assim, as reações e movimentações corporais cênicas que surgiram potencializaram o laboratório criativo e a experiência de intérprete-criadora da bailarina Ayesca, produzindo um resultado tão pertinente que se transformou em cena, compondo o roteiro do espetáculo.

## ESPAÇO

A metodologia de criação precisou inaugurar um espaço livre para a experimentação e que fosse íntimo e acolhedor o suficiente para nos debruçarmos sobre nossas subjetividades. Aqui, assumimos a compreensão

de “espaço” enquanto lugar ou região que pode ser entendido geograficamente ou subjetivamente.

A Residência Artística parte da proposta de politização da construção pessoal e profissional de quem participa e do enaltecimento de suas experiências e histórias, evidenciando processos de resistência e sobrevivência e colocando cada bailarino/a como foco de suas próprias narrativas. Um espaço propício para esse encontro de narrativas precisou ser instalado rapidamente, pois as inquietantes ideias debatidas nas rodas de conversa ficavam cada vez mais intensas. Como trazer essas inquietações para um espaço seguro que estimulasse a experimentação laboral de dança?

Apostamos na força da união de todos esses pressupostos fundamentais para a criação artística que resultam em uma coletividade baseada no respeito, no afeto e, principalmente, na força das construções educacionais que enaltecem modelos representativos e decoloniais como caminhos concretos de transformação social.

A escolha metodológica de convidar duas diretoras artísticas negras e periféricas para a condução deste processo parte da ideia de que novos referenciais precisam ser criados e postos em práticas nos espaços de visibilidade e voz. Nossa construção pessoal parte de uma construção coletiva, com referenciais que se comunicam diretamente com as experiências vividas dos/as jovens participantes, que, por sua vez, conectam-se com as nossas escolhas de referências estéticas, sonoras e bibliográficas para a inspiração criativa.

• Como construir produções artísticas que sejam politicamente implicadas com a transformação social e com a construção de novas masculinidades?

Apresentando referenciais de masculinidade diversos, complexificando as relações sociais a partir de marcadores estruturais de opressão e criando um espaço seguro e de referência para que os jovens sintam-se parte e sejam empoderados por seus saberes culturais e ancestrais.

Nesse espaço criado para a Residência, sabemos que somos parte de um corpo e ninguém está sozinho/a. Ao inaugurar esse espaço, estamos fomentando discursos e processos emancipatórios onde todas as nossas experiências de vida, sejam elas boas ou ruins, são formativas e transformadoras da nossa subjetividade. Com todos esses estímulos e discussões realizadas, provocamos a reflexão sobre essas vivências, tendo a chance de repensar, inclusive, futuras posturas e atitudes.

Os momentos em que nos encontrávamos para experimentar esses diálogos, esses saberes, dispostos no entrelace da teoria e prática, eram momentos únicos, em que cada pessoa presente era um elo de fortalecimento de ideias, era um elo fundamental do processo de criação, pois os saberes eram construídos a partir dos estímulos daquele encontro.

## TEMPO

A categoria “tempo” no processo de Residência foi abordada através de algumas relações, uma das quais versa sobre o entendimento de nossa própria trajetória como elemento fundamental para a pessoa que nos tornamos e somos agora. A trajetória agencia o tempo e nos proporciona experiências; são essas micro-organizações capazes de nos formar enquanto sujeitos/as e nos fazer refletir enquanto parte de um coletivo, de uma nação, que faz com que tomemos consciência sobre esse longo processo.

O tempo como exercício de sabedoria, como possibilidade de aprendizado, como continuação de “sobrevivências” traduzidas na palavra “ancestralidade”. O tempo é capaz de nos unir tanto nas relações mais particulares, através do processo de conhecimento da própria história e de nossos ancestrais, quanto na possibilidade de nos conectar com as narrativas e histórias de outras pessoas e de uma ancestralidade coletiva, sendo o tempo construído através do compartilhamento de múltiplas narrativas. Mas como equilibrar as urgências deste tempo compreendido de forma “individual” com o tempo das experiências coletivas?

Cada indivíduo, no processo da Residência, foi compreendido como a representação desse tempo, que não pode ser enquadrado e estagnado em uma única possibilidade e narrativa. Como nossa compreensão de tempo é um encontro de ações atuais com ancestrais, nossos tempos são paralelos e assíncronos, e cheios de possibilidades.

É importante observar que essa categoria acabou influenciando mais do que imaginávamos no processo do grupo, devido justamente às medidas restritivas a que precisamos nos adequar por conta da pandemia do COVID-19.

Reformulamos e compreendemos a dimensão do tempo mais uma vez, agora relacionando as categorias de espaço e distância. A ideia de tempo tomou outra proporção, porque este precisou ser agenciado na pandemia, impactando a própria relação com o tempo no mundo inteiro.

## ENCONTROS LABORATÓRIO

### 1 – Chegança

Data: 6 de Março

Esse primeiro encontro do laboratório de criação da Residência Artística foi pensado e inspirado pelas atividades anteriores

- as quatro rodas de conversa dos encontros de formação -, como também pelos pilares que estruturam o coletivo Mulheres ao Vento, coletivo responsável pelos laboratórios artísticos da Residência. E o que essas experiências significam para esse processo específico de criação?

Ter uma preocupação com os debates sobre gênero e raça, sobre representatividade negra e a influência da cultura afro-brasileira na formação de pessoas conscientes de seus papéis sociais. **Criticar a forma como o machismo e o racismo são naturalizados em diversas camadas da sociedade, sobretudo nas práticas culturais e corporais como as danças.** Potencializar o discurso de corpos periféricos e dançantes, compreendendo cada ser como protagonista e, ao mesmo tempo, enaltecendo a importância de todos para o sucesso desse processo.

Todos esses posicionamentos fazem parte da proposta coletiva que se iniciou nos encontros de formação como apostas imprescindíveis para a Residência Artística, e não poderiam deixar de ser levadas em consideração na realização de um trabalho artístico tão subjetivo. O processo foi pensando a fim de honrar esses compromissos acordados, criar e produzir um espetáculo sobre os desejos e pensamentos de jovens negros/as e favelados/as sobre masculinidades e questões de gênero, raça e território.

As escolhas das influências sonoras utilizadas nas oficinas do laboratório partiram de referenciais afro-brasileiros, principalmente para se pensar ritmo e musicalidade por um viés representativo, e com o intuito de explicitar as relações entre as sonoridades afro-brasileiras atuais presentes no funk e outros ritmos de origem negra.

Os estudos corporais, o laboratório de conscientização do movimento, foram construídos através de progressões,

começando dos pés em direção à cabeça ou da cabeça em direção aos pés, trazendo a noção de completude. **Estimulamos a busca por movimentos autorais, para “preencher” músicas que traziam significados e sentidos para aquele momento, baseados ora na batida, ora na letra, nos instrumentos ou na dinâmica e velocidade. Foi um convite para dançarem, utilizando suas experiências e referenciais em dança de maneira mais livre, a dança pela dança, pela sensação de dançar, culminando no deslocamento pelo espaço.**

Para quem assistia à oficina do laboratório, parecia já uma coreografia pronta, pois, mesmo que não intencionalmente, todos estavam se relacionando entre si e com o espaço, com o objetivo de aquecer o corpo e criar consciência dos movimentos. Nesse primeiro laboratório de criação, utilizamos como referenciais as formas plurais de ver o mundo, de se locomover e pensar o corpo em movimento, partindo dos nossos próprios conhecimentos. Não havia certo nem errado, o evidenciado pela proposta era a relação entre envolvimento e fortalecimento do coletivo.

**A partir desta primeira atividade, foi possível visualizar características próprias de cada um/a, e, através dessas características, possibilitar a inter-relação entre eles/as, de maneira mais conduzida pela facilitadora, o que tornou este encontro bastante produtivo.**

Pedimos que se distribuíssem pelo espaço e combinamos alguns comandos de alternância de movimentos; cada número falado corresponderia a uma ação, instaurando assim uma dinâmica de movimentos e ações específicas. Eles/as estariam andando pelo espaço sem se esbarrar até que ouvissem os comandos. Por exemplo: Número 1- corre, 2 - pula, 3- estátua, 4 - gira, 5 - dança livre.

Através dessa dinâmica, foi possível estabelecer um ambiente animado e descontraído. Por fim, encerramos a dinâmica com o número equivalente a “estátua” e pedimos para se concentrarem na respiração e se manterem em pausa por alguns segundos, depois pedimos para que relaxassem o corpo, voltassem a caminhar e formassem duplas para trabalhar em outro exercício: O espelho.

Esta atividade consiste em um jogo de condução, no qual um/a participante conduzia e depois era conduzido. Suas movimentações foram influenciadas pelo ritmo e contexto estabelecidos entre as duplas. Depois de experimentar bastante as movimentações do “espelho”, solicitamos que eles/as trocassem de dupla.

**Neste momento, havia uma nova regra: escolher uma pessoa com quem não tivessem tanta intimidade. A partir dessa experimentação, foi necessário que no final eles/as preparassem uma sequência de movimentos, fruto da relação de espelho, em que ambos/as tiveram a chance de conduzir.**

Escolhemos uma ordem de apresentação das duplas, e cada dupla escolheu uma direção do palco para começar, assim que a música iniciasse, seguindo a ordem pré-determinada. O final de cada apresentação poderia ser: sair de cena ou ficar parado numa pose por alguns segundos, para que entendêssemos que era o fim.

Assim, com o resultado dessa experimentação, improvisamos essas coreografias juntas em formato de performance única. Combinamos que, caso alguém terminasse antes, teria que se adequar e continuar o improviso até que terminássemos juntos; essa era a única regra.

Conversamos sobre o que sentiram durante a aula, sobre a prática dos exercícios, e pedimos para que trouxessem propostas

cênicas que dialogassem com algo que gostassem de fazer, ou algo que gostariam de fazer para essa proposta. Essa atividade seria o ponto de partida para o próximo encontro.

## 2 - A concepção do “Na Manha”

**Data: 13 de março**

**Ao longo desses encontros, algumas palavras se destacaram de maneira recorrente, e entre elas estão: “estereótipos”, “caixinhas normativas” e “manha”.** Esta última foi muito utilizada pelos dançarinos do Passinho para se referirem a um determinado jeito próprio de cada pessoa dançar, uma atitude e trejeito. Podemos encontrar a ideia de “manha” na cultura das danças urbanas de maneira geral.

Ficamos bastante intrigadas com as possibilidades de sentidos presentes nesta expressão, mas principalmente com a possibilidade de ela ser utilizada como afirmação de algo que seja “próprio de cada um”, ou seja, sua identidade, sua maneira de se expressar. Porém, diversas vezes vimos os/as participantes se referirem à “manha” atribuindo-a a um gênero específico, por exemplo: uma “manha” que seria masculina ou feminina. E a pergunta foi: o que de fato caracteriza uma maneira própria de dançar?

**Decerto, compreendemos que cada um e cada uma tem a sua “manha”, e essa “manha” fala por si. Porque ela é a manifestação de sua existência, ela é a sua forma de ser e estar nesse mundo, sua maneira de reagir a tudo que lhe acontece.** Então, a “manha” é um conjunto de significados diretamente ligados à trajetória da pessoa e suas relações com tempo, espaço, território, cultura, coletividade e corpo.

Existindo e enfrentando a sociedade para sobreviver, resistindo às jornadas triplas de estudo, trabalho e lazer, ter que dar conta

de tudo isso reflete em cada um de maneira singular, e, por consequência, reflete na sua dança. Partimos de um processo possível de desconstrução, debatendo caminhos de enfrentamento através da arte e de experiências vividas.

Ao longo desse processo, procuramos nos nutrir de saberes que pudessem fundamentar argumentos e até nomear o que sabíamos ou falávamos, e resgatamos os debates criados em todo o processo de formação para a cena, com o intuito de instigar outras pessoas a fazerem o mesmo.

Nosso corpo é o caminho de comunicação escolhido para desenvolver todos esses assuntos. O gênero musical desta concepção artística é o funk, no qual, através do Passinho, materializamos e acionamos movimentos ancestrais, e esta foi a forma de dialogar com a sociedade, relacionando memória e trajetória.

Como parte do laboratório criativo, foi combinado que os/as participantes trariam suas propostas para o processo de criação, pois o projeto é uma construção coletiva. Realizamos uma breve conversa sobre as propostas de cada um, e a bailarina Ayesca Souza propôs ministrar uma oficina de consciência corporal, com objetivo de refletir sobre as “caixinhas normativas”.

Como atividade de consciência corporal, foi uma boa opção para começarmos o aquecimento da aula, partindo das provocações dela. Fomos conduzidos pelos movimentos a pensar como um “homem”, seguindo uma progressão que partia de movimentos com a cabeça, ombro, braços, cintura, quadril, joelho e pés, e depois, com estímulos subjetivos, pensando como um homem trabalhando ou um homem forte, caminhando. Em seguida, realizamos os mesmos movimentos pensando como uma “mulher”, procurando entender, inclusive,

o que tínhamos acabado de reproduzir em decorrência de uma formação naturalizada carregada de estereótipos.

Fomos conduzidos a desconstruir, através da dança, padrões de comportamento engendrados no nosso ser. Por fim, a facilitadora pediu para que pensássemos como uma “pessoa”, sem menção a algum gênero, observando quais seriam as mudanças de movimento identificadas. Realizamos movimentos como uma “pessoa”, sem nos preocuparmos se alguém atribuiria as ações a um gênero específico, ou se seríamos julgados por realizar determinado movimento. Neste contexto, pensar como uma “pessoa” foi um ato revolucionário e de libertação das amarras.

O bailarino Daniel Rocha (Daniel Ritmado) trouxe uma poesia que havia escrito, inspirado nas relações de gênero pré-determinadas pelo sexo, levando em consideração as cores atribuídas a meninos e meninas. Por exemplo: quando nasce uma menina, ela passa imediatamente a vestir roupas de cor rosa e ganhar bonecas. Algo semelhante acontece com os meninos, que passam a ser associados à cor azul e a ganhar brinquedos como bolas de futebol e carrinhos. Essas inquietações do Daniel dialogavam diretamente com a ideia da Ayesca Souza sobre caixas normativas. Sua poesia foi fruto das rodas de conversas do projeto, e trazia muito de sua própria experiência de vida.

Os bailarinos Mayra de Farias (May Idd) e Richard Santos (RD Ritimado) apresentaram a ideia de estereótipos como convite para pensar se a “manha” do/a bailarino/a possui gênero. Ele e ela construíram uma coreografia onde trocavam de “manha” e no final misturavam as concepções pré-estabelecidas de “manha” feminina e masculina, mostrando que se algo foi construído, pode ser também desconstruído.

A proposta da Nayara Costa (Nega Nay) girava em torno de suas experiências de vida enquanto mulher negra e periférica que escolheu o Passinho como linguagem corporal, como dança, e aconteceu na relação dela com o palco, pesquisando movimentos próprios, ao mesmo tempo que reagia a um áudio inspirado em um texto escrito sobre as opressões e discriminação que ela vivenciou ao longo de sua vida, com frases como “que cabelo é esse”, “olha esse cabelo”, “que roupa é essa”, “no meu tempo não era assim”, “eu não te criei pra isso”.

A partir desse áudio, ela escolheu caminhos coreográficos, alternando dinâmicas de movimento que culminaram em um momento de libertação dessas mágoas tão profundas, por meio da dança.

Nayara Costa é um retrato de diversos/as jovens que precisam constantemente decidir como sobreviver e que não possuem incentivos para a ressignificação de suas trajetórias, mas que, mesmo assim, encontram caminhos de se desvencilhar de ambientes aprisionadores, pensamentos retrógrados, lutando para poder escolher por si mesmos/as.

Por fim, o bailarino Walcir Silva (Walcir Choque) decidiu desenvolver sua proposta sobre frases que ouvia bastante quando começou a dançar. Essas falas giravam em torno da ideia de que há um jeito “certo ou errado” de dançar e de “ter que fazer o jeito certo”, seguindo sempre um padrão.

Ainda que estivéssemos fazendo a mesma coreografia, cada um faria de forma diferente, pois a “manha” é justamente esse atributo que nos diferencia. Não necessariamente precisa existir um “bom ou ruim”, só precisa haver um jeito próprio, incorporado na dança. Pensamos em uma ordem de trabalhos e aprofundamentos possíveis resultados dessas discussões.

Propusemos uma ordem para que essas apresentações acontecessem e combinamos de, no encontro seguinte, realizar um ensaio com a experimentação dessa ordem sem pausa, como se fosse um espetáculo pronto, para avaliar se ficaria interessante e em acordo com nossa maneira de pensar o espetáculo, que a essa altura já havia sido batizado de “Na Manha”. Com essas cenas propostas pelos/as bailarinos/as, criamos a primeira versão do roteiro do espetáculo, o que tornou efetivamente este trabalho coletivo.



## OFICINAS EDUCATIVAS REALIZADAS NA RESIDÊNCIA

**Atividade 1:** Pelo espelho

**Objetivo:** Estimular o autoconhecimento corporal e de movimento; promover a interação entre o grupo.

**Faixa etária recomendada:** Livre

**Tempo de duração:** 2hs

**Materiais Necessários:** Uma sala/ espaço amplo

**Procedimento:** Separe os/as participantes em duplas. No primeiro momento, é importante que eles/as escolham as duplas que quiserem. Peça para que cada dupla decida quem será o/a primeiro/a a realizar os movimentos e quem será o “espelho”. O/A participante que for o “espelho” deverá copiar todos os movimentos realizados pela sua dupla, reproduzindo a ideia de ser um espelho. Motive os/as participantes a realizarem movimentos livres, feitos lentamente e em diferentes planos (indo da posição de pé até o chão). Inverta os papéis da dupla. Peça para as duplas utilizarem os três planos, por exemplo: plano alto em pé, plano médio agachado, plano baixo com o corpo abaixado ou explorando movimentos no chão.

Após os/as dois/duas participantes terem feito o papel de espelho, formam-se novas duplas, porém, neste momento, a indicação será clara: criar duplas com pessoas que se conheçam pouco e não tenham muita afinidade. Repita o procedimento.

### **Perguntas para a discussão:**

Como me senti ao ser o espelho de outra pessoa?

Meus movimentos foram feitos pensando na capacidade da outra pessoa de também realizá-lo?

Fiz movimentos possíveis de acompanhar?

Eu me senti confortável para me movimentar sendo observado e copiado?

Eu me senti confortável ao copiar os movimentos?

### **Reflexão:**

Essa atividade é muito utilizada para estreitar as relações de grupo, de confiança individual e coletiva, estimulando o engajamento dos participantes nas criações e movimentações que vão sendo estabelecidas a partir do contato visual, e também propicia a experimentação da relação entre conduzir e ser conduzido/a, pois pensar que alguém precisa ceder e confiar pode nos deixar bastante desconfortáveis e desafiados/as, inicialmente, mas como a atividade segue numa dinâmica animada, através do estímulo da música e do/a facilitador/a, que vai propondo algumas alternâncias de dinâmicas e disposição no espaço, esse desconforto inicial acaba por se dissolver. Nas diversas vezes em que essa atividade foi aplicada, percebemos que constantemente ela resulta em uma maior proximidade entre os/as participantes, o que contribui para o fortalecimento do coletivo, sendo uma boa atividade para encontros iniciais.

**Atividade 2:** Uma história, um abraço

**Objetivo:** Acolher e criar um ambiente de confiança; conhecer a história dos participantes.

**Faixa etária recomendada:** Acima de 8 anos\* (devido ao foco na escrita, é preciso atentar para as especificidades do público-alvo e o nível de alfabetização dos/as participantes. Adaptações podem ser feitas, como desenho e poesia falada, por exemplo.)

**Tempo de duração:** 2hs

**Materiais Necessários:** Folhas de papel, canetas/lápis coloridos

**Procedimento:** Peça para que os/as participantes escrevam em um papel uma história contando um momento de sua vida em que foram impedidos de fazer algo por serem meninos/meninas.

Peça para adicionarem nessa história frases que ouviram sobre como um homem deve agir ou ser. Provoque-os a pensar nos momentos em que se sentiram pressionados a agir de forma que não queriam, para provar virilidade.

**Perguntas para a discussão:**

Como lidamos com as histórias que nos marcam?

Como nos sentimos quando não temos acolhimento em relação a nossas escolhas? Como é ser homem em nossa sociedade? Como é ser mulher? Temos poder para escolher livremente nossas ações e atitudes?

Eu me sinto pressionado/a a agir de determinado jeito quando estou em grupo?

**Reflexão:**

Esta atividade tem a capacidade de produzir relações de empatia no grupo e de construção de um espaço de confiança.

Uma vez que um participante se sinta à vontade para expor situações pessoais diante do grupo, tem-se uma oportunidade de consolidar acordos de não julgamento e de desenvolvimento de uma escuta empática e acolhedora, bem como de criar um ambiente de partilha entre os/as participantes, que pode ser, muitas vezes, um espaço único de fala e protagonismo de uma história silenciada.

A atividade abre brechas para questionar padrões naturalizados de gênero que, em muitos momentos, geram frustração e incompreensão. Ao longo de nossa vida,

somos ensinados a não reconhecer essas angústias como algo que foi construído e que pode ser desnaturalizado. Esta é uma excelente oportunidade para dissolver valores endurecidos de forma sensível e acolhedora.

É importante que o/a facilitador/a exerça a sensibilidade e compreenda que cada participante reagirá de uma forma ao compartilhar suas experiências, não havendo um modelo padronizado a ser seguido, e que talvez algumas experiências que não são relevantes para um indivíduo sejam muito relevantes para outro. Este é um “gancho” fundamental nesta atividade: demonstrar que, embora a gente parta de experiências similares, elas podem ter “pessos” diferentes nas experiências individuais. Com essas reflexões, é importante atentar para os/as participantes cuja história é marcada por opressões estruturais e problematizar essas relações com dados e pesquisas.

O principal ganho é construir um ambiente de troca e acolhimento coletivo, identificar proximidades e sensibilizar para as questões trazidas pelo outro. Essa atividade é fundamental para criar um ambiente criativo e de respeito.

**Atividade 3: Corpo que pensa<sup>1</sup>**

**Objetivo:** Provocar reflexão acerca dos papéis sociais e questões de gênero.

**Faixa etária recomendada:** Livre

**Tempo de duração:** 2hs

**Materiais Necessários:** Sala/ espaço amplo

**Procedimento:** Apresente ao grupo as regras da atividade:

Todos/as os/as participantes terão que seguir os estímulos propostos pelo/a facilitador/a.

1. Importante lembrar que os estímulos precisam ser dados de forma espaçada, dando tempo para que os/as participantes desenvolvam seus movimentos. É preciso falar de forma mais lenta, em alguns momentos.

Não é permitido falar neste momento.

Não é permitido copiar os movimentos dos colegas.

O primeiro estímulo será: caminhe pelo espaço, espalhe-se pelo espaço e encontre um lugar para você.

Quando estiver nesse lugar, o/a facilitador/a fará uma sequência de pedidos de movimentos a serem executados pelos participantes. (folha de apoio)

Após o último estímulo dado pelo/a facilitador/a, todos/as serão convidados/as a olharem uns para o/a outro/a.

Todos serão convidados/as a sentar em roda para conversar sobre a atividade.

### **Perguntas para a discussão:**

A partir das observações do/a facilitador/a e dos movimentos que surgem dos estímulos sobre as principais diferenças corporais e de execução de atividades cotidianas entre homens e mulheres, convide-os a pensar sobre:

Como foi a experiência de realizar os movimentos?

Quais movimentos você gostou mais de fazer? Os de homem ou os de mulher? Quais foram mais difíceis?

Houve diferença nos movimentos?

Quais são os movimentos da “pessoa”? Como você se sentiu?

O que os primeiros movimentos que vieram à sua cabeça lembram? Você concorda com esses movimentos?

**Reflexão:** Esta atividade é muito importante para refletir sobre os padrões de gênero que estão naturalizados no imaginário social, de forma muito profunda. Quando associamos mulheres a movimentos de força, trabalho, temos movimentos muito parecidos que sempre estão associados a atividades de cuidado, por exemplo. No caso

dos homens, essa força sempre está demonstrada através dos músculos e de gestos que remetem a ações de violência. A partir dessa atividade, podemos iniciar um debate sobre como esses conceitos tão endurecidos sobre ser mulher podem ser prejudiciais para o desenvolvimento social. Ao propor pensar e agir como uma “pessoa”, sem explicitar uma relação direta ao gênero, ou até mesmo ao sexo, tem-se uma provocação sobre os movimentos feitos anteriormente na atividade, e, normalmente, um visível desconforto e incerteza de qual movimento fazer. Esse momento é um bom “gancho” para o encerramento da atividade com a grande roda de conversa, ouvindo e entendendo os “porquês” dessa dificuldade ou titubeada ao pensar em uma “pessoa”, bem como ouvindo o que os/as participantes entenderam e interpretaram como “pessoa”.

É uma excelente atividade<sup>2</sup> para introduzir as discussões de gênero com grupos de dança e outras atividades culturais e artísticas.

---

2. Esta atividade foi elaborada em conjunto com uma das participantes da Residência Artística que culminou na criação do espetáculo “Na Manha”. Esta oficina, realizada pela bailarina Ayesca Mayara, foi adaptada para o espetáculo, tornando-se uma das cenas.

## Folha de Apoio

Perguntas para a atividade Corpo que pensa

Peça para os/as participantes caminharem pelo espaço e escolherem um lugar para ficar.

\* Pense como uma mulher

\* Agora, pense como uma mulher com a cabeça, com os ombros, com os braços, com as mãos, com a cintura, com o quadril, com as pernas.

\* Pense como uma mulher forte; pense com todas as partes do corpo: cabeça, quadril, membros.

\* Pense como uma mulher fraca; pense novamente com todas as partes do corpo. (importante repetir cada parte do corpo, para estimular o movimento isolado de partes específicas)

\* Pense em uma mulher trabalhando; pense nesse corpo de trabalho. Como estão os movimentos desse corpo? Como estão os movimentos dos braços, das pernas?

\* Pense em uma mulher se divertindo, se alegrando. Como estão os movimentos desse corpo agora? Como estão os movimentos dos braços, das pernas, da cabeça, do quadril?

\* Caminhem novamente pelo espaço, escolham outro lugar.

Repita as perguntas SUBSTITUINDO a palavra MULHER pela palavra HOMEM.

\* Caminhem novamente pelo espaço, respirem e escolham outro lugar.

Repita as perguntas SUBSTITUINDO a palavra HOMEM pela palavra PESSOA

Dicas: Você pode adicionar no seu estímulo características de intensidade, como devagar/rápido, para a realização dos movimentos.

Movimentos feitos de forma rápida tendem a ser mais espontâneos e produzir uma energia de aquecimento para o grupo; movimentos feitos devagar produzem maior concentração, além de aumentar a percepção e consciência corporal dos participantes.

**MUDANÇAS  
NO CAMINHO**

## COMO SE ADAPTAR E SEGUIR?

O ano de 2020 está marcado pela pandemia viral de Covid-19 e seus efeitos em todo o mundo, o que corrobora com a ampliação das lacunas das desigualdades sociais, expondo, em diferentes níveis, a necessidade de repensar os caminhos e os rumos futuros da sociedade.

Em março, na semana do dia 17, fomos surpreendidos por medidas emergenciais para conter o alastramento do Covid-19, doença infectocontagiosa que causa problemas respiratórios graves. Lojas, shoppings, teatros, cinemas, parques, escolas e universidades foram fechadas.

Foi necessário que todos os/as cidadãos/as brasileiros/as cooperassem com as medidas restritivas de suas cidades e regiões, contribuindo com o isolamento social, pois, para o grupo considerado de risco, existia um agravamento dos sintomas de Covid-19, que podem levar ao óbito. O grupo de risco é composto por pessoas acima de 60 anos, pessoas com doenças crônicas, fumantes e gestantes. Porém, uma vez que se trata de um vírus desconhecido, todas as informações ainda não bastam para sanar dúvidas e incertezas.

## COMO A PANDEMIA AFETOU NOSSA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA?

O processo artístico, que estava em sua fase laboratorial de criação do espetáculo, com apresentação prevista para acontecer no teatro da Arena Carioca Dicro no mês de abril, precisou ser interrompido após dois encontros. **A equipe envolvida não tinha a dimensão exata do que estava acontecendo após o comunicado oficial de que a Arena precisaria fechar por ordem da Prefeitura do Rio de Janeiro, por tempo indeterminado.**

O projeto decidiu fazer uma pausa no processo para repensar as estratégias e cuidar da saúde de todos/as, pois a população mais vulnerável dentro das estruturas sociais de poder e renda seria a mais afetada. Nesse sentido, como poderíamos apoiar os/as próprios/as participantes da Residência e seus familiares? Como seria sobreviver a esse contexto cheio de incertezas e desafios? Como manter a saúde física e mental e ainda continuar produzindo arte?

**Foi necessário reformular nossos paradigmas de tempo e espaço e exercitar ainda mais a escuta e empatia. Depois de dois meses, e de termos constituído alternativas de cuidado e suporte para a Cia.** Passinho Carioca e suas/seus bailarinas/os, retomamos as atividades de forma remota, enfrentando os desafios de transformar nossas relações presenciais em relações virtuais. Ficamos inseguros/as, apreensivos/as sobre até quanto conseguiríamos manter a mesma força criativa engajada desde o início das oficinas.

Ter adentrado o “mundo tecnológico” exigiu uma reformulação do nosso olhar sensível. Adaptamos a metodologia para essa realidade, movimentamo-nos pelas redes sociais, fizemos encontros virtuais e propusemos aos/as participantes dar continuidade ao laboratório na modalidade remota, com encontros via algum aplicativo de reunião.

**Nas primeiras reuniões, ouvimos as demandas que eles/as tinham naquele momento. Muitos/as precisaram encontrar “trabalhos alternativos” para complementar a renda familiar, fragilizada pela pandemia, outros/as relataram questões de saúde mental provocadas pelas incertezas e medos da circunstância.**

O trabalho coletivo parte da relação de escuta sensível e, principalmente, de ações de equidade. Encaminhamos algumas demandas e o retorno dos/as participantes foi

reconhecido. Conciliamos nossas agendas e os encontros passaram a ser semanais, via aplicativo, a fim de dar continuidade à construção do espetáculo.

Foram realizadas aulas práticas on-line, com ensaio das performances individuais, ensaios dos/as bailarinos/as que teriam alguma fala na cena, conversas e tomadas de decisão sobre a estética do espetáculo, discussão sobre figurino e cenário, ordem das cenas e roteiro; todas as decisões foram construídas coletivamente. Com a notícia de que seria impossível apresentar no teatro o nosso espetáculo presencialmente, a solução veio quase por unanimidade: **vamos fazer em formato de vídeo!**

Vamos fazer do nosso espetáculo um filme, uma vídeo-dança que terá a chance de alcançar pessoas em qualquer lugar do mundo e comunicar, a partir de nossa vivência e do nosso corpo, o que queremos e pensamos do futuro: um futuro coletivo em que homens e meninos possam se expressar de maneiras diversas e impulsionar a construção de masculinidades positivas em torno de nossas comunidades.

## **O ESPETÁCULO “NA MANHA”, NOSSAS VIVÊNCIAS PARTILHADAS**

A decisão de construir um espetáculo em vídeo foi uma alternativa sensível para não interromper um processo tão enriquecedor e com potencial artístico de transformação capaz de produzir identificação em múltiplos grupos, principalmente os/as jovens, negros/as e moradores/as de periferia. Toda a equipe envolvida permitiu que a adaptação fosse realizada de forma coerente e atenta.

O roteiro foi escrito, e, após ter sido construído nas oficinas e compartilhado com o restante da equipe, uma empresa foi contratada como responsável pela

produção audiovisual. Encontros remotos foram realizados com o fim de organizar logisticamente as gravações, dentro dos protocolos de saúde estabelecidos. Foram dois dias de gravações, com uma equipe de produção reduzida trabalhando na Arena Dicro e com horários individuais pré-agendados para os/as bailarinos/as interpretarem suas cenas.

No dia da gravação, cada bailarino/a teve a oportunidade de ter um momento de ensaio com o acompanhamento da direção do espetáculo, para em seguida gravar sua cena. Nesses dias, foi muito importante observar que as relações de confiança construídas nas oficinas do projeto estavam cada vez mais fortes e presentes. **Eles e elas entregaram seu melhor desempenho físico, corporal e artístico, afirmando o quanto se sentiam parte fundamental do processo inteiro, com suas escolhas e apostas estéticas respeitadas e inseridas no espetáculo.**

## **ESTÉTICA E POLÍTICA, NOSSOS CORPOS E APOSTAS**

A aposta artística político-estética do espetáculo foi originada do acúmulo de ideias e reflexões geradas nos encontros formativos ao longo da Residência Artística.

As propostas cênicas carregam elementos que representam o cotidiano dos participantes e suas escolhas de autorrepresentação. **Tudo foi construído coletivamente, tendo como premissa a necessidade de produzir uma representatividade imagética coerente com todo o processo de criação. Essas propostas são vistas nos figurinos, nos objetos cênicos, no cenário, na trilha sonora e nas performances corporais.**

Os figurinos são encarados como fundamento da narrativa, e não como algo à parte. Ele é responsável por traduzir o tempo e o espaço em que estamos inseridos,

contextualizando a experiência. Chegamos à ideia do jeans como um elemento simbólico da cultura periférica, mais especificamente da estética do funk carioca e das danças de rua, como o Passinho e o hip hop.

Sendo assim, decidimos que seriam dois ou três figurinos, um deles, uma bermuda, calça ou short jeans com uma blusa básica, para a cena final do espetáculo, de que todos participam, traduzindo o estilo urbano que esta arte carrega e dialogando com a proposta final, a pergunta “qual é a sua manha?”. Utilizamos um figurino chamado de “base preta”, entendido como “roupas ideais para fazer aula de dança” - roupas sem estampas e confortáveis. Esse figurino foi utilizado na cena “Pensando fora da caixinha”, e além do intuito de performar uma “aula de dança em cena”, a intenção foi focar nas partes do corpo que estavam descobertas e ressaltá-las contra o fundo escuro criado na cena. Outras cenas trouxeram figurinos específicos que demonstravam movimento e cor, na tentativa de conectar com as escolhas de objetos cênicos e cenários.

As fitas coloridas, que em alguns momentos apareciam como parte do figurino e, em outros, como objeto cênico ou como cenário, tinham um papel fundamental na costura de todo o roteiro e possuem múltiplos significados, como, por exemplo, a representação de uma ideia de linha do tempo associada à normatividade, funcionando como um padrão que deve ser seguido por todos, de forma linear. Porém, os usos das diversas cores tornaram as fitas uma representação de caminhos plurais e cheios de possibilidades. Enquanto elas podem ser interpretadas como algo que serve para prender, normatizar, podem também representar a diversidade e a união.

Ter opções e caminhos representativos possíveis é uma forma potente de construir

autonomia e sonhar mundos possíveis. Como afirma a escritora bell hooks, “opressão significa ausência de opções”. Nesse sentido, as fitas representam opções e uma maneira de sair da condição de oprimido.

A trilha sonora e as inspirações musicais surgiram das experiências musicais dos participantes, das referências utilizadas nos laboratórios e, principalmente, da continuidade da história da Cia. do Passinho. Tivemos uma música inédita produzida exclusivamente para o espetáculo com um DJ parceiro da Cia, o DJ Seduty.

Uma parte importante da metodologia do projeto é reconhecer as potencialidades do território. Por isso, convidamos o Rodrigo Maré, músico do Conjunto de Favelas da Maré, para compor o restante da trilha sonora, apostando na sua sensibilidade e capacidade de compreender a mensagem que queríamos passar. Foi impressionante a forma como a trilha sonora se amalgamou ao roteiro, e como o movimento dos/as bailarinos/as preencheram a tela da câmera e explodiu em vida e resistência através das cores e luzes.

As câmeras dançaram com os/as bailarinos/as, a edição teve um papel essencial na construção de um movimento capaz de se comunicar com o/a espectador/a e produzir um ambiente de conexão e relação com trabalho. Aqueles e aquelas jovens, meninas e meninos vivos/as, dançando, produzindo teorias com o corpo e nos apontando caminhos para construir um mundo melhor.

Foi acordado que o vídeo deveria ser legendado em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como forma de torná-lo acessível e mais plural ainda.

## NA MANHA : RELEASE

O espetáculo nos convida a refletir sobre a diversidade, sobre a potencialidade presente nos saberes do corpo, a partir da trajetória de vida, presente nos debates sobre identidade e cultura negra, mas principalmente sobre o cotidiano do/a jovem que escolhe a dança como maneira de se comunicar com o mundo; não qualquer dança - o Passinho. “Na Manha” propõe uma conversa entre o que se sente e o que se expressa, reivindicando a possibilidade de cada um ter a sua, sem prejulgamentos; uma proposta de criação coletiva e desconstrução social, que não ignora seus sujeitos, seus corpos diversos e suas características mais particulares, sendo elas sua própria identidade, sua maneira de ser e estar no mundo. Afinal, cada um tem a sua “Manha”.

### Dançarinos e dançarinas:

Walcir Silva (Walcir Choque), Daniel Rocha ( Daniel Ritmado ), Nayara Costa (Nega Nay), Richard Santos (RD Ritimado), Mayra de Farias (May Idd) e Ayesca Souza.

## DRAMATURGIA DAS CENAS, NOSSOS OLHARES EM DETALHE

### Cena 1: Sobre-viver

**Intérprete-criadora:** Nayara Costa

A cena acompanha o caminho que a intérprete precisou percorrer na construção de sua própria identidade, na busca por voz e liberdade para ser e estar no mundo; o quanto suas dores e vontades foram negligenciadas ao longo da vida.

Como mulher negra que escolheu o Passinho e o funk como forma de auto-expressão, de autocuidado, de crescimento pessoal, inclusive de sobrevivência a tantas

opressões sociais e familiares. Ir contra o sistema e estatísticas: é possível? A cena é, no mínimo, inquietante.

O Passinho é a forma de ressignificar sua própria existência, sem ignorar sua ancestralidade, o pensamento e movimento que se constrói em coletivo. Foi necessário descobrir e aceitar que cada um é dono de si, de seu corpo, cada um tem sua própria identidade e a dança pode ressignificar sua própria existência.

Na cena, os papéis de narradora, protagonista, escritora, cantora e dançarina se encontram e a tornam intérprete de sua própria história, com todas as complexidades que a trouxeram até aqui, sua forma de ver o mundo, suas sabedorias construídas pelo caminho, pelo processo.

Cada um possui um universo de saberes, e cada um se expressa a partir desse universo. Seria inconcebível que existisse apenas uma forma de fazer, seria hegemônico, eurocêntrico, violento demais, contra a incrível autonomia de corpos tão plurais e criativos. Seria você capaz de me dançar e interpretar?

### Cena 2: Fora da caixinha

**Intérprete-criadora:** Ayesca Mayara Souza

A intérprete nos convida a uma interação a partir de sua condução para a realização de movimentações que possibilitam a todos experimentar uma consciência corporal, uma consciência de si, externalizando suas pré-concepções, provocando tanto os/as intérpretes do espetáculo quanto os/as espectadores/as.

A partir dessa condução, somos convidados a refletir, através do movimento, sobre corpo e masculinidades diversas. Temos agora um corpo, e esse corpo é quem nós somos, é como olhamos e somos vistos, é como nos relacionamos, e se existe uma

construção endurecida sobre normas de gênero, é possível também que haja uma desconstrução de todos esses aspectos aprisionadores. A questão de gênero é atrelada diretamente a estereótipos pré-determinados e “aceitos socialmente”, mas e se não precisássemos nos preocupar em nos encaixar nesses pensamentos?

\*O que de fato caracteriza pertencer a um gênero ou outro, quando falamos de movimentação, autocuidado e corpo, principalmente na dança?

\*O que muda, na sua maneira de mover-se, de pensar e agir?

Através dessa proposta nos colocamos enquanto sujeitos que estão em constante desconstrução de estigmas naturalizados.

### Cena 3: Dentro das caixinhas

**Intérprete-criador:** Daniel Ritmado

O intérprete entra em cena declamando uma poesia que discute os encaixes sociais; ele nos convida a pensar sobre fatores sociais predominantes no seu cotidiano como homem negro cis, e nas estruturas que o aprisionam e estigmatizam, sobre a necessidade de ter que se encaixar em “certas” caixas que o aprisionam, como ter que escolher aspectos que representem o sexo masculino, por exemplo, que já são pré-determinados socialmente.

Problematizando questões introjetadas nas nossas práticas sociais e culturais que parecem ser inocentes e despreziosas (como, por exemplo, determinar a cor azul como masculina e rosa como feminina), mas são muito contundentes ao longo da vida, e se tornam uma ameaça para os indivíduos que desejam ir contra essas normas. Enquanto homem negro, dançarino de Passinho e favelado, ele deseja viver a partir de suas próprias escolhas.

### Cena 4: Estereótipos

**Intérpretes-criadores:** Mayra de Farias e Richard Ritimado

Dois corpos. Dois pontos de vista. Poderiam desempenhar papéis sociais equivalentes?

Este cenário se constrói a partir de um dualismo que tende a nos provar o quanto ainda estamos presos a certos padrões normativos de gênero. A proposta é entender através do ápice de energia corporal dos bailarinos, existente na prática da dança do Passinho, os caminhos que cada um dos intérpretes faz para construir uma dança pertencente ao “homem” ou à “mulher”, de acordo com suas observações ou sensações.

A inversão desses papéis pré-estabelecidos contribui para uma ruptura de padrões estéticos, no âmbito da dança, olhando para o micro, e na sociedade de maneira geral, olhando o macro.

Como nosso corpo seria capaz de traduzir tais padrões sem estereotipá-los? Afinal, o que caracteriza um movimento feminino ou masculino?

Quem interpreta os movimentos é quem pode dizer seus significados, e, aqui, elevamos o debate a um posicionamento que está para além da imagem, de estereótipos, o que dita o movimento é o próprio movimento, com ênfase na figura de quem o executa, de quem o interpreta, de quem se entrega e se expõe inteiramente na cena.

Cada corpo traduz os movimentos de sua própria forma. Neste caso, ainda mais especificamente, falamos sobre a “manha”, e cada um tem a sua.

### Cena 5: Qual é a sua Manha?

**Intérprete-criador:** Walcir Choque

O intérprete apresenta alguns preconceitos vivenciados a partir de sua relação com

o Passinho. A imagem do corpo preto no baile e a pluralidade de danças que se destacam neste ambiente, sendo este o lugar para extravasar, de rever os/as amigos/as, de dançar em grupo e/ou sozinho/a, de dar o seu melhor, sendo esse “melhor” condicionado a convenções que almejam padronizar os movimentos e os corpos.

Existem cobranças de ter que atingir a perfeição na dança, nos movimentos ou passos; há muita dedicação, ensaio e treino. Porém, há algo recorrente na forma de se relacionar com a dança, que são as inquietações que giram em torno das perguntas: existe de fato um movimento certo?

Existe um padrão no imaginário da dança do Passinho que precisa ser alcançado? “Algo que ainda não foi superado?”

Ninguém deveria ter esse poder de julgamento sobre a maneira individual de se expressar. Cada corpo tem uma vivência, cada corpo ressignifica seus caminhos de aprendizagem. O novo nasce da possibilidade de cada corpo falar sobre si e sobre como ele se relaciona com cada dança.

\*Não seriam essas características que falam de nós?

\*Não seria essa a nossa “Manha”?

## LANÇANDO O “NA MANHA”, NOSSA ESTREIA

Com o vídeo-dança finalizado, chegamos ao momento de mostrar ao mundo o trabalho realizado. A estreia foi marcada para o dia 18 de setembro, e o espetáculo ficou em cartaz por dois dias, com horário fixo e exclusivo para o público que estivesse assistindo naquele momento, com uma transmissão ao vivo, seguida de uma roda de conversa com os/as bailarinos/as e equipe do projeto, e um baile funk de encerramento.

Após a exibição do espetáculo, acompanhado com muita emoção pelos/as bailarinos/as, amigos/as, familiares e participantes do projeto, foi realizado um bate-papo com o intuito de ouvir os/as bailarinos/as sobre a experiência vivida.

Os relatos giraram em torno da participação ativa, do orgulho de ter feito parte do processo, da importância de estarem juntos em momentos de tantas incertezas, e, principalmente, sobre, pela primeira vez, terem tido uma experiência artística com uma direção feita por mulheres artistas e faveladas.

Nos depoimentos, o conceito de representatividade se materializou e nos provocou a pensar na força existente no ocupar esses lugares, e em que isso resulta dentro de um processo em que a confiança é um dos componentes principais. Após a conversa, a leitura dos comentários feitos pelos espectadores, vislumbramos caminhos de continuidade e como seria possível seguir com os frutos desse trabalho.

## CAMINHOS SEGUIDOS, NOSSA FORMA DE CONTINUAR

Todo o processo da Residência girou em torno da capacidade coletiva de construir e visitar nossas construções identitárias por meio da cultura e das práticas culturais, cujo valor primordial foi a escuta atenta ao desejo de transformação de estruturas desiguais. A adaptação do espetáculo e o seu renascimento como vídeo-dança ilustram práticas ancestrais de manutenção da vida e personificam o desejo de continuar a existir e reivindicar vida.

Existimos através do que comunicamos, dos nossos corpos traduzidos em dança e movimento, sobretudo em um país historicamente forjado na crueldade colonial que pressupõe o aniquilamento de corpos e subjetividades racializadas. Sobrevivemos.

E sobrevivemos, principalmente, através de nossa capacidade de ressignificar nossa visão de mundo diante de estruturas opressoras. São as danças afro-brasileiras que nos contam histórias silenciadas, são as práticas corporais religiosas ameríndias que nos revelam saberes escondidos, são visões coletivas de mundo que compreendem os seres humanos na sua diversidade que nos apontam caminhos para construir dias melhores.

É um trabalho contínuo romper com a visão dicotômica sobre o mundo, e a Residência Artística foi uma aposta nesse rompimento. É urgente tornar visíveis as produções de jovens que precisam furar a barreira da invisibilidade para se manterem vivos, precisam alarmar quanto ao seu contexto de emergência permanente. É responsabilidade de toda a sociedade proteger e honrar meninos negros sobreviventes de um sistema genocida que os torna alvo prioritários, maioria nos sistemas carcerários, maioria nas ruas e nos abrigos e enaltecer seus trabalhos, suas produções artísticas, e promover espaços de aprendizagem e assim visibilizamos modelos de masculinidades positivos capazes de transformar futuros.

Abaixo encontram-se Releases de alguns coletivos brasileiros que estiveram envolvidos no projeto GlobalGrace e que se propõem, através do seu trabalho, a questionar e tensionar as normas de gênero através da arte:

### **RELEASE “MULHERES DE PEDRA”**

Mulheres de Pedra é uma Coletiva comprometida com o protagonismo de mulheres negras, no campo das artes, da culinária, da terra, da economia solidária e do cuidado pessoal e coletivo, no sentido de ampliar espaços de expressão e afirmação de

identidades e histórias. A Coletiva completa 20 anos em 2020, e, nos últimos 10 anos, as identidades negra e LGBTI+ compuseram a Coletiva, trazendo uma potente investigação ética-estética baseada no cuidado. Temos por missão valorizar o protagonismo de mulheres negras na construção de um outro mundo, no qual as relações se tecem através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural, tendo em vista o desenvolvimento local, com respeito aos aspectos ambientais, socioculturais e direitos humanos.

### **RELEASE “OBORÓ - MASCULINIDADES NEGRAS”**

À margem de uma sociedade em que está longe de ser prioridade, o homem negro busca ganhar sua vida na sombra cruel que habita. O espetáculo “Oboró – Masculinidades Negras” retrata a realidade desse homem, com suas dificuldades, desafios e lutas.

Oboró é um termo que, em Yorubá, é usado para designar orixás do sexo masculino. Com direção de Rodrigo França e um elenco formado pelos atores Cridemar Aquino, Danrley Ferreira, Drayson Menezes, Ernesto Xavier, Gabriel Gama, João Mabial, Jonathan Fontella, Luciano Vidiagal, Marcelo Dias, Orlando Caldeira, Paulo Guidelly, Reinaldo Júnior, Sidney Santiago Kuanza e Wanderley Gomes, a peça, escrita por Adalberto Neto, apresenta os conflitos de vida dos homens que eles interpretam. Cada personagem apresenta características de um dentre os orixás: Exu, Ogum, Oxóssi, Omolu, Xangô, Oxumaré, Osanyin, Logun Edé, Ibeji e Oxalá.

Entre os problemas apresentados estão a hipersexualização do corpo negro, a busca pela perfeição em troca de um lugar ao sol e os riscos de habitar uma pele preta, entre

outros. Nove situações traçam um paralelo da realidade desses homens da sociedade, permeadas por muita música e dança.

## **RELEASE “MULHERES AO VENTO”**

O espetáculo Obinrin - Ventos na Maré surge de um intenso processo de criação e pesquisa teórico-prática em dança e cultura afro-brasileira, possibilitado pelas aulas do Projeto Mulheres ao Vento na Maré, a partir da inspiração de narrativas presentes nos mitos de Oyá - a rainha dos ventos e tempestades, em confluência com as narrativas das mulheres integrantes do projeto. O encontro dessas histórias culmina em relatos de enfretamento e sobrevivência, diante de uma sociedade que nega seus desejos, sonhos e questões. Seriam elas mesmas a própria Oyá? Ou tudo que ela nos inspira? O ato de poder estar e transitar em todos

os lugares, como o vento, é, no mínimo, encantador, libertador. Mas certamente foi elemento inspirador para toda a concepção do espetáculo.

As intérpretes têm a oportunidade de dialogar com o público através do corpo, evidenciando suas reivindicações de mulheres tão distintas - adultas, jovens, mães, estudantes, donas de casa, idosas, pobres e periféricas. Encontrando através do questionamento “onde é lugar de mulher?” a possibilidade de seguirem seus próprios caminhos, de se sentirem realizadas, podendo ser elas mesmas, donas de suas vontades.

A trilha sonora do espetáculo é embalada por uma banda exclusivamente composta por mulheres, cantando e tocando, transformando o cenário a todo momento, com força e leveza, através da cultura popular afro-brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUBÉROT, Arnaud. *Não se nasce viril, torna-se viril*. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade vol. 3: a virilidade em crise?*. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARKER, Gary; AGUAYO, Francisco (Coord.) *Masculinidades y políticas de equidad de género: reflexiones a partir de la encuesta IMAGES y una revisión de políticas en Brasil, Chile y México*. Rio de Janeiro: Promundo, 2011.
- hooks, bell *Olhares negros, raça e representações*. São Paulo: Elefante, 2019.
- CONNEL, Robert W. *Masculinities*. Cidade do México: Universidad Autonoma del Mexico, 2003.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. In: *Rev. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abril/2013.
- COSTA, Rosely Gomes. *De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero*. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 157-199, janeiro/2013.
- CRUZ, Yhuri. *Monumento a voz de Anastácia*. Instalação/Objeto. Disponível em <http://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. (Org.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.
- FANON, F. *Peles Negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FLORES, Maria Bernardete; SILVA, Cristiane B. da. *Gênero e nação: a série fontes e a virilização da raça*. In: *Revista História da educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Porto Alegre, v.14, n.32, p. 77-107, set/dez 2010.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- GLISSANT, Eduard. *Pela opacidade*. Tradução: Henrique de Toledo Groke e Keila Prado Costa. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102/pdf>
- GROSSI, Miriam. *Masculinidades: uma revisão teórica*. In: *Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis*, n.1, p. 04-37, 1995.
- JR., Jandir; MORAIS, max willà. *átimo de criação e tempo no museu-trabalho-e-trabalha-44h-semanais-e-*. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cidade/atimo-de-criacao-e-tempo-no-museu-trabalho-e-trabalha-44h-semanais>
- LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. RIBERO, Djamila (org.); trad. por Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020. / 224 pp.
- LUSTOSA, Tertuliana. *Playboi*. Disponível em: <http://outraliteratura.com.br/wp-content/uploads/2019/01/PLAY-BOI-out-2018.pdf>
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Traveco Terrorista*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>
- MACHADO, L. Z.. *Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade*. In: *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 231-273, 2013.
- MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia Theresa; SILVA, Geórgia Sibebe N.; SCHRAIBER, Lilia B.; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos; VALENÇA, Otávio Augusto; PINHEIRO, Thiago Félix. *Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária*. In: *Ciência Saúde Coletiva*, v. 16, n. 11, p.4503-4512, 2011.
- MANHATTAN, Agrippina R. *É NECESSÁRIO AVISAR O PRESENTE LEITOR*. Disponível em: <https://artcontexto.com.br/portfolio/e-necessario-avisar-ao-presente-leitor/>, 2018.
- MIESCHER, Stephan; LINDSAY, Lisa A. *Introduction: Men and Masculinities in Modern African History*. In: MIESCHER, Stephan; LINDSAY, Lisa.

- (Orgs.), *Men and Masculinities in Modern Africa*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre voz, corpo e deslocamento em Travessia (2017) e Mahogany too (2018)*. Publicado no Fronteira Festival Internacional do Filme Documentário e Experimental, 2018. Disponível em: [http://www.frenteirafestival.com/doc/IV\\_Estado\\_Critico\\_Residencia\\_de\\_Critica\\_de\\_Cinema\\_Ebook.pdf](http://www.frenteirafestival.com/doc/IV_Estado_Critico_Residencia_de_Critica_de_Cinema_Ebook.pdf)
- MOMBAÇA, Jota. *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas*, In: Revista Buala, 2018. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/corpo/veio-o-tempo-em-que-por-todos-os-lados-as-luzes-desta-epoca-foram-acendidas>.
- \_\_\_\_\_. [Parte 5] *Refundar o Possível*, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7\\_bA20](https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20)
- MORAIS, max willã; SANTISO, Daniel. *Instalação/performance pelo Estúdio Presente Léxico*. Disponível em: <https://maxwillamorais.wixsite.com/portfolio/estudio-presente-lexico-i>
- \_\_\_\_\_. *Exercício elementar de vitalidade I - homenagem a Matheusa Passareli*. Performance/instalação. <https://maxwillamorais.wixsite.com/portfolio/exercicio-elementar-de-vitalidade-i-2>
- MOURA, Tatiana; FERNANDEZ, Marta; PAGE, Victoria. *Power from the Peripheries: Arts, Cultures of Equality and Southern Perspectives*. In: CLISBY, Suzanne; JOHNSON, Mark; TURNER, Jimmy (Org.). *Theorising Cultures of Equality*. London, UK: Routledge, Argentina.
- NASCIMENTO, Tatiana. *4 poemas de Tatiana Nascimento*. Disponível em: <https://medium.com/@arianaoalves/4-poemas-de-tatiana-nascimento-3f0c3971b432>
- \_\_\_\_\_. *diz/faço qualquer trabalho (y (m)eu amor de volta todo dia)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wbJ-c1gO42EM>
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. – Curitiba: UFPR, 2017.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PATENTE, Marlon. *Documentário: bichas*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RqXKnRN7JfY&ab\\_channel=BICHAS-odocument%C3%A1rio](https://www.youtube.com/watch?v=RqXKnRN7JfY&ab_channel=BICHAS-odocument%C3%A1rio).
- PINHO, Osmundo. *Qual a identidade do Homem negro?*. In: *Democracia Viva*, nº22, 2004.
- PROFANA, Ventura. *podenserdesligado. Profecia de vida*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aaT-R3oGJ94>
- \_\_\_\_\_. *Homenzinho Torto live (Galla on Fire)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQCYO2CCBtQ>
- \_\_\_\_\_. *O reino é das bichas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aa5EkHqHzUY>
- QUIJANO, A. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas..* Ciudad autónoma de Buenos Aires: Colección SurSur, CLACSO.
- RIBEIRO, Alan; FAUSTINO, Deivison. *Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017.
- ROLAND, Beatriz da Silva. *A construção de uma Masculinidade Homossexual na Escola: Uma Análise Sócio-Discursiva de uma História de Vida*. Dissertação de Mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, 2001, UFRJ.
- SANTISO, Daniel. *Amnésia e lembrança do mundo que falta*. Publicado no Fronteira Festival Internacional do Filme Documentário e Experimental, 2018. Disponível em: [http://www.frenteirafestival.com/doc/IV\\_Estado\\_Critico\\_Residencia\\_de\\_Critica\\_de\\_Cinema\\_Ebook.pdf](http://www.frenteirafestival.com/doc/IV_Estado_Critico_Residencia_de_Critica_de_Cinema_Ebook.pdf)

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: re-  
presentação, identidade e diferença no âmbito da  
masculinidade bissexual*. Tese de Doutorado. Fa-  
culdade de Educação. Programa de Pós Gradua-  
ção em Educação. Porto Alegre: Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

ZAMBRANO, Elizabeth. *Parentalidades “impensá-  
veis”: pais/mães homossexuais, travestis e transe-  
xuais*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Ale-  
gre, ano 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006.

## LINKS:

“Isso aqui não é vida pra você”: Masculinidades e não  
violência no Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em:

[https://promundo.org.br/recursos/isso-aqui-nao-  
-e-vida-para-voce-masculinidades-e-nao-violen-  
cia-no-rio-de-janeiro-brasil/](https://promundo.org.br/recursos/isso-aqui-nao-e-vida-para-voce-masculinidades-e-nao-violencia-no-rio-de-janeiro-brasil/)

Masculinidade Negra – Por que falar sobre isso?

Disponível em: [https://www.youtube.com/wat-  
ch?v=IRLdxKwhCRo&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=IRLdxKwhCRo&feature=emb_title)

*Bichas, o documentário*

Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=-  
0cik7j-0cVU](https://www.youtube.com/watch?v=-0cik7j-0cVU)

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Documentário quarto  
de cura* Disponível em: [https://www.youtube.  
com/watch?v=p-ocCWGNucs](https://www.youtube.com/watch?v=p-ocCWGNucs)

\_\_\_\_\_. *quando lembrei, vol-  
tei*. Disponível em: [https://www.youtube.com/  
watch?v=z25-Ir1J-gE](https://www.youtube.com/watch?v=z25-Ir1J-gE)

\_\_\_\_\_. *a vida nos demanda  
uma linguagem*. Disponível em: [https://www.  
youtube.com/watch?v=RCW8r4mUoicCucetas](https://www.youtube.com/watch?v=RCW8r4mUoicCucetas)  
Produções. #8 Ventura

DJ TERTU. *Vai trabalhar travesti (parte 1) – Ven-  
tura Profana feat Bianca Kalutor ((DJ Tertu))*.  
Disponível em: [https://www.youtube.com/  
watch?v=HRnNFlo36ps](https://www.youtube.com/watch?v=HRnNFlo36ps)

## GLOSSÁRIO

**Ancestralidade:** Termo utilizado para se referir aos antepassados ou antecessores, com foco simbólico e subjetivo no que se recebeu das gerações anteriores (principalmente deste ponto de vista subjetivo, espiritual, afetivo). Em muitos contextos, o termo é utilizado com uma aura de respeito e como uma forma de honrar e lembrar dos nossos antepassados através de ações que resgatam a memória coletiva, cultural e social de um grupo.

**Artivismo:** É a junção de duas palavras-conceito, arte e ativismo, que representa um posicionamento político e implicado socialmente no fazer artístico, principalmente nas artes visuais. São estratégias e ações que têm como foco unir pautas e agendas políticas e sociais a produção artística e criação de conteúdo e discursos.

**Bissexual:** Pessoa que se sente atraída tanto por pessoas do mesmo sexo, quanto por pessoas de sexo diferente. Ver “orientação sexual”.

**Bullying:** É uma forma de violência contínua que acontece entre colegas/pares da mesma turma, da mesma escola ou entre pessoas que tenham alguma característica em comum (por exemplo, terem mais ou menos a mesma idade; estudarem no mesmo bairro), e que pode envolver a prática de diferentes comportamentos agressivos, com ou sem contato ou confrontação direta entre vítima e agressor/a. Se for vítima deste tipo de violência, pode encontrar apoio na escola, reportando o que aconteceu aos/às profissionais de educação, por exemplo, professores/as,

diretor/a de turma, psicólogo/a e, se necessário, à direção da Escola.

**Cisgênero:** Refere-se às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer. Por exemplo, se uma pessoa foi identificada como mulher no momento do nascimento e se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero.

**Construção Social:** É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras definidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

**Danças Urbanas:** Estilo de dança que pode ocorrer em ruas, blocos, parques, locais abertos, raves e clubes. O termo é usado para descrever danças em um contexto urbano.

**Desigualdade:** Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro.

Desigualdade de gênero – Tratamento desigual entre pessoas, tendo por base o seu gênero. Direitos, estatuto e dignidade hierarquizados entre mulheres e homens, sejam ao nível dos símbolos culturais, das representações sociais, da lei ou dos fatos, que conduzem à discriminação através do tratamento desigual, são exemplo disso.

Desigualdade de gênero não é sinônimo de diferença. Ver significado de “diferença”.

**Desigualdade racial:** Toda e qualquer disparidade socioeconômica sistemática e persistente, com base na raça ou cor de pele não-branca, com mecanismos de sustentação através do tempo. Essa

desigualdade é estrutural e está presente no acesso a bens, serviços, oportunidades e na forma como as relações sociais se estabelecem. Ver também “discriminação racial ou étnica”.

**Desigualdade Social:** Relativa a processos sociais que têm o efeito de limitar ou prejudicar o estatuto de um determinado grupo, classe ou círculo social, não se verificando um equilíbrio no padrão de vida dos seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros.

**Diferença:** Característica que distingue um ser de outro ser, seja no todo ou em algum aspecto particular. As diferenças podem ser visíveis através dos sentidos ou ser detectadas por questões simbólicas. Importante ressaltar que a diferença, no contexto social, pode promover e legitimar desigualdades.

**Direitos e Saúde Sexual:** São direitos humanos universais baseados na liberdade, dignidade e igualdade de todos os seres humanos. Visam a garantir que todas as pessoas tenham direito a: viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos à livre expressão dos desejos; viver a sua sexualidade, independentemente do estado civil, idade ou condição física; escolher a/o parceira/o sexual sem discriminações e com liberdade para expressar sua orientação sexual; viver a sexualidade livre de violência, discriminação e coerção e com o respeito pleno pela integridade corporal da/o outra/o; praticar a sexualidade independentemente de penetração; e a insistir na prática do sexo seguro para prevenir a gravidez não desejada e as doenças sexualmente transmissíveis,

incluindo o HIV (INSTITUTO PROMUNDO, 2014, p.49)

**Discriminação:** Significa “fazer uma distinção”. O significado mais comum tem a ver com a discriminação sociológica, baseada em alguma característica da pessoa: a discriminação social, racial, política, religiosa, sexual, idade, entre outras.

**Discriminação racial:** Distinção social concreta e simbólica de indivíduos, baseada na cor de pele e traços fenotípicos. Ações que fundamentam o racismo estrutural vigente em organizações sociais historicamente desiguais e opressoras entre raça e etnias.

**Estereótipos:** Generalização abusiva que distorce a realidade. Ver também “estereótipos de gênero”.

**Estereótipos de gênero:** Representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e as mulheres devem ser (traços de gênero) e fazer (papéis de gênero). (CITE, 2003, p.52). Um exemplo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando que elas trabalham, que nem sempre se casam e/ou querem ter filhos/as, ou representar os homens sempre como chefes de família e incapazes de cuidar dos/as filhos/as. Outro exemplo é representar os homossexuais como afeminados e as lésbicas como masculinizadas.

**Expressão de gênero:** Comportamentos, forma de vestir, forma de apresentação, aspecto físico, gostos e atitudes. Uma pessoa andrógina exprime-se de uma forma ambivalente, combinando traços físicos, quer masculinos, quer

femininos, ou uma aparência que não permite identificar claramente o seu gênero.

**Feminilidade:** Refere-se às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura como associados ou apropriados a mulheres. A feminilidade nos homens, tal como a masculinidade nas mulheres, é normalmente considerada negativa, por ir contra os papéis tradicionais.

**Feminismo/S:** Tendo emergido da análise e constatação das formas de subordinação concretas vividas pelas mulheres a nível global (econômica, política e socialmente), o/s feminismo/s não tem/têm uma definição única. Pelo contrário, têm mudado ao longo dos tempos, refletindo as transformações nos contextos sociais, na situação e estatuto das mulheres, e na sua compreensão das mesmas. Enquanto movimentos diversos, preocupam-se com a igualdade, justiça e a eliminação de todas as formas de subordinação vividas pelas mulheres, tendo vindo a prestar maior atenção, a partir dos anos 70 e 80 do século XX, em questões como “raça”, colonialismo, deficiência e sexualidade. A feminista negra Barbara Smith definiu o feminismo como “a teoria política e prática que se bate pela libertação de todas as mulheres: mulheres racializadas, mulheres trabalhadoras, mulheres pobres, mulheres com deficiência, lésbicas, idosas, assim como mulheres brancas, heterossexuais e economicamente privilegiadas” (1998, p.96).

**Funk Carioca:** Estilo musical oriundo das favelas do estado do Rio de Janeiro e posteriormente disseminado em todo o Brasil. Compõe e caracteriza desde a década de 1970 uma festa chamada Baile Funk, que, embora tenha surgido em espaços

populares, por retratar e representar a vida cotidiana da população nas favelas, atualmente tem fama e prestígio internacional dentro da indústria musical.

É importante ressaltar que o funk e os bailes em favela ainda são criminalizados e considerados ilícitos em contextos que somatizam o senso comum e constroem estereótipos negativos e estruturalmente racistas e classistas sobre os moradores e moradoras de favelas e periferias.

**Gênero:** Refere-se aos comportamentos, atitudes, crenças, papéis e expectativas que uma dada sociedade, num dado tempo histórico, considera apropriados para homens e mulheres, e que são aprendidos através da família, dos amigos, instituições culturais e religiosas, meios de informação, através de todas as relações estabelecidas pelos indivíduos. Masculino, feminino e transgênero são categorias de gênero. Entrecruza-se com marcadores identitários como raça, classe, idade, nacionalidade, orientação sexual, etc.

**Hegemonia:** Conceito desenvolvido e usado como base pelo filósofo italiano Antonio Gramsci para descrever processos de dominação pelos mais diversos veículos comunicacionais (mídia, produção artística, produção científica) dentro da estrutura social, e, nesse sentido, ir contra essas produções e disseminações estruturalmente dominantes é, de acordo com este pensamento, *contra-hegemonia*.

**Heterossexual:** Pessoa (cis ou trans) que se sente atraída sexual ou afetivamente por pessoas de sexo diferente. Ver “orientação sexual”.

**Homofobia:** Ódio, aversão ou discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade. Pode também incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. O termo “homofobia” pode estar relacionado a homens gays e a mulheres, sendo que, para mulheres lésbicas, costuma-se utilizar “lesbofobia”, por questões de visibilidade.

**Homossexual:** Pessoa (cis ou trans) que se sente atraída sexual ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo. O movimento de mulheres lésbicas prefere utilizar o termo “lésbica” para dar mais visibilidade a esse grupo e às suas particularidades. Ver “orientação sexual”.

**Identidade de gênero:** Identificação psicológica de cada pessoa com ser homem, mulher, ambos ou outro, tal podendo ou não coincidir com o sexo atribuído ao nascer. São cisgênero ou cis- aqueles/as que se identificam com o sexo que lhes foi atribuído socialmente no nascimento, e transgênero ou trans-, aqueles/as cuja identidade de gênero não coincide com aquela que lhes foi atribuída no nascimento. Não tem relação com a orientação sexual. O termo “queer” diz respeito àqueles/as que não se veem no binário de gênero, considerando-se ambos ou nenhum. Países como Malta reconhecem legalmente a existência de um gênero neutro, enquanto no Nepal, Índia, Nova Zelândia e Austrália, reconhece-se a existência de um terceiro gênero.

**Igualdade de gênero:** Significa que qualquer pessoa, independentemente do gênero com o qual se identifica, goza do mesmo estatuto, ou seja, compartilha

das mesmas oportunidades e condições para realizar os seus direitos e potenciais humanos, contribuir com todas as esferas da sociedade (econômica, política, social e cultural) e beneficiar-se delas.

**Interseccionalidade:** Conceito/prática cunhada pela teórica feminista negra Kimberlé Crenshaw (1989, p.55), que, usando a metáfora da intersecção (ou cruzamento), chama atenção para a existência de intersecções entre eixos de desigualdade, como gênero, idade, raça, classe social, orientação sexual, origem, deficiência, que tornam as pessoas particularmente vulneráveis à discriminação e violência, demonstrando que as opressões não são independentes entre si, mas sim interrelacionadas.

**Lésbicas:** Mulheres (cis ou trans) que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres (cis ou trans).

**Lesbofobia:** Violência e preconceito dirigido especificamente às lésbicas como resultado da sua sexualidade.

**LGBTQIA+:** Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais e Assexuais. Outras formulações incluem: LGBT+, LGBT, LGBTI, LGBTQI, LGBTQI+.

**Machismo:** É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja: é a ideia equivocada de que os homens são “superiores” às mulheres.

**Masculinidades:** É uma proposição plural sobre a forma de ser homem e

se expressar no mundo. O termo é utilizado em oposição à palavra no singular, “masculinidade”, que, muitas vezes, remete à ideia de uma performance masculina baseada em modelos opressivos e normativos do “ser homem. Muitas vezes é utilizado o termo “masculinidade tóxica” para designar essa maneira de agir em uma sociedade estruturalmente machista e patriarcal. No entanto, o termo no plural “masculinidades” remete a modelos alternativos e diversos sobre expressar-se enquanto homem nesta mesma sociedade, criticando modelos endurecidos e historicamente opressores e propondo comportamentos positivos em torno do ser homem. Neste caso, o termo pode conter adendos, como em “masculinidades positivas”, “masculinidades cuidadoras”.

**OpreSSão:** Efeito negativo experimentado por pessoas que estão em uma posição de subjugação na sociedade ou em um grupo social.

**Orientação Sexual:** Delimita por qual(is) gênero(s) a pessoa se sente sexual e afetivamente atraída, independentemente de sua identidade de gênero. As orientações sexuais incluem assexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade, pansexualidade, entre outras (Think Olga. 2017, p.59). É heterossexual quem se sente sobretudo atraída/o por pessoas de sexo diferente e homossexual quem se sente sobretudo atraída/o por pessoas do mesmo sexo. Bissexual refere-se a quem se sente atraída/o por pessoas de ambos os sexos, e pansexual, a quem se sente atraída/o por pessoas de diferentes sexos e gêneros (incluindo trans e intersexual). É assexual quem não sente atração sexual.

**Papéis Sociais de gênero:** São os papéis socialmente atribuídos como sendo femininos ou masculinos. É a forma como a pessoa se percebe de um ou outro gênero, na relação com os outros, aspecto importante na estruturação da representação de si e da sua identidade. Fazem com que mulheres e homens tenham preferências, atitudes, percepções que são concordantes com as expectativas sociais (CITE, 2003, p.60).

**Passinho do funk:** Termo utilizado para designar a dança oriunda dos bailes funks, que contém um repertório de técnicas e movimentos específicos que determinam sua expressão artística e corporal como linguagem de dança. Está dentro da definição de danças urbanas, pela origem e principal atuação nas ruas e em contexto urbano; no entanto, essa modalidade nos últimos anos tem sido visibilizada na indústria cultural, sendo vista em grandes festivais, shows e eventos nacionais e internacionais, inclusive, como uma representação cultural do Brasil.

**Preconceito:** Um conceito elaborado antes mesmo de uma constatação dos fatos. Serve-se de características encaradas como universais, buscando atribuí-las a todo e qualquer sujeito. Porém, quando isto não ocorre, a pessoa é vista de forma negativa, podendo chegar a ser excluída de determinados espaços.

**Racismo:** É o ato de discriminar as pessoas baseado na “raça” ou na cor da pele, e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressiva. O racismo consiste na ideia de que algumas “raças” são inferiores a outras, atribuindo desigualdades sociais,

culturais, políticas, psicológicas à “raça” e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas.

**Racismo estrutural ou institucional:** Refere-se às situações em que uma “raça dominante” faz uso de leis e políticas para manter as desigualdades sociais com base na raça. O regime de *apartheid* na África do Sul, a escravatura e as leis de Jim Crow nos EUA, os movimentos eugenistas no Brasil, são exemplos de racismo estrutural. Historicamente, o racismo tem servido para justificar genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

**Sexo:** Refere-se a um conjunto de características biológicas, fisiológicas e anatômicas, que determinam se um indivíduo é homem, mulher ou intersexo. Assume-se que equivale ao sexo cromossômico ou ao sexo genital, que pressupõe capacidades reprodutivas. Vários fatores contribuem para o sexo biológico: cromossomos (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gônadas (presença de testículos ou ovários), hormônios (testosterona, estrogênio), etc. O sexo biológico designado nem sempre corresponde à identidade de gênero da pessoa.

**Sexualidade:** É a expressão dos nossos sentimentos, pensamentos e desejos, que é parte integrante da vida de cada indivíduo e contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico (APF, s.d., p.61).

**Socialização:** É o processo pelo qual o ser humano aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, podendo se adaptar ao ambiente social em que

vive ou passar por sanções ao rejeitar a imposição de certas normas sociais.

**Trans:** Termo que se refere a transexuais, transgêneros e pessoas cuja identidade de gênero não coincide com aquela que lhes foi atribuída ao nascer, incluindo aqueles/as que não se encaixam no formato binário de compreensão sobre gênero, considerando-se ambos ou nenhum; terceiro gênero ou neutro.

**Transfobia:** Ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra pessoas trans.

**Transgênero** - Termo abrangente que inclui qualquer pessoa que, por qualquer razão, não se identifique com o gênero associado ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Pode, ou não, fazer algum tipo de transição.

**Transsexual:** Termo médico, que data de 1850, criado para se referir às pessoas que desejam que o seu sexo biológico corresponda à sua identidade de gênero, mudando assim o seu corpo através de hormônios e/ou cirurgias. Refere-se a indivíduos que não se identificam com o gênero associado ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento. Frequentemente, descrevem sentir disforia de gênero e fazem algum tipo de transição com o objetivo de aliviar essa disforia (REA, s.d., p. 63).

**Violência:** “Uso intencional da força física ou do poder, real ou sob a forma de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte, ou tenha a possibilidade de resultar, em lesão, morte, dano psicológico,

compromisso do desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002, p.65).

**Violência contra as mulheres:** Qualquer ato de violência baseada no gênero que resulte em, ou possa resultar em dano físico, sexual ou psicológico ou sofrimento às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação de liberdade, seja na vida pública ou privada (ONU, 1993, p.166).

**Violência de gênero:** Termo “chapéu” para quaisquer danos que são perpetrados contra a vontade das pessoas, que tenham um impacto negativo na sua saúde física e psicológica, desenvolvimento e identidade, e que são resultado de desigualdades de poder com base no gênero, ao explorar distinções e expectativas entre homens e mulheres. Não afetando exclusivamente mulheres e meninas, afeta-as de forma significativa em todas as sociedades. Homens e rapazes são igualmente vítimas desse tipo de violência. Por exemplo: a homossexualidade, em muitas comunidades, é considerada uma aberração, segundo as expectativas de como os homens devem se comportar. A violência pode ser de natureza física, sexual, psicológica ou econômica, e entre os perpetradores podem contar-se familiares, membros da comunidade, e todos/as aqueles/as que ajam em nome de instituições culturais, religiosas, estatais ou intra-estatais (Conselho da Europa: 200767). A violência de gênero dirigida contra lésbicas, homossexuais e pessoas trans ainda é muitas vezes negligenciada quando se discute a violência de gênero (BLOOM, 2008, p. 1468).



*periferias*